MEU PRIMEIRO MORTO

"Deixai, toda esperança, ó vós que entrais!" — é a inscrição gravada na porta do Inferno de Dante. O Inferno, aqui, é a Emergência do SUS. Sabemos do sofrimento que enfrentam os pacientes pobres que ali são atendidos. Mas o que acontece quando é o próprio médico plantonista que perdeu toda esperança? E perdeu mesmo? Por quê? A resposta a essas perguntas diferenciam um romance de uma reportagem ou um relatório. E este é, embora curto, um grande romance, que desconforta o leitor, enredando-o nas angústias do médico e obrigando-o a refletir sobre o estado de coisas que ele denuncia.

O que ele descreve é o real em sua forma mais crua, a da doença e da morte, na linguagem reflexiva que é a da literatura. A força do texto se deve a vários fatores. Ao narrar o quotidiano da Emergência, o narrador-personagem é aparentemente frio. A precisão das descrições patológicas e o detalhamento dos procedimentos médicos dão a seu estilo uma veracidade que não é busca de um efeito estético naturalista, mas é alcançada pela sobriedade do texto. Com a mesma brevidade certeira, ele descreve enfermeiras e pacientes, imagina suas vidas, deduz sua psicologia e prognostica seus futuros, de modo que o leitor entra no cerne dessas vidas confrontadas diariamente com a morte.

Na narração, estão presentes todas as mazelas da medicina oferecida aos pobres: a falta de infraestrutura, o cansaço dos médicos, o despreparo das enfermeiras, o tratamento rápido dos pacientes que entram e saem como numa cadeia de descarte. Ele não tem nenhuma complacência, nem com o contexto, nem com ele mesmo. Sua narrativa é transpassada por lembranças pessoais: formatura, noivado, casamento, divórcio. Está em crise, acusa a si mesmo de não ser um bom médico nem uma boa pessoa, pois duvida de sua eficiência e de sua razão de ser.

Sua autoanálise é tão cruel quanto a análise do contexto social injusto em que se exerce a medicina em nosso país. A situação do médico do SUS é confrontada com as posições de seu sogro e de sua ex-mulher, médicos bem-sucedidos, ricos, providos de títulos universitários e frequentadores de festas e congressos pagos pela indústria farmacêutica. Em suas autoacusações, ele declara não ter compaixão por ninguém. Entretanto, na virulência de seu desabafo e nas entrelinhas do texto, percebe-se que ele ainda é alguém que quer salvar vidas. Com sua narrativa, ele as salva do esquecimento.

Leyla Perrone-Moisés

MARIA LUIZA TIBURI

JACI PALMA nasceu na cidade de Passo Fundo, no Rio Grande do Sul, no ano de 1977. Viveu a infância em Palotina, no Paraná. É formado em medicina e, atualmente, vive em São Paulo (SP). *Meu primeiro morto* é a sua estreia na literatura.

MEU PRIMEIRO MORTO

BETO RICHA
Governador do Estado do Paraná

PAULINO VIAPIANA
Secretário de Estado da Cultura

VALÉRIA MARQUES TEIXEIRA
Diretora-geral da Secretaria de Estado da Cultura

ROGÉRIO PEREIRA
Diretor da Biblioteca Pública do Paraná

IVENS MORETTI PACHECO
Diretor da Imprensa Oficial do Paraná

Coordenação do Prêmio Paraná de Literatura 2013
LUIZ REBINSKI JR.
MARCIO RENATO DOS SANTOS
OMAR GODOY

COMISSÃO JULGADORA DO
PRÊMIO PARANÁ DE LITERATURA 2013

Prêmio Manoel Carlos Karam | Romance
ALBERTO MUSSA
LEYLA PERRONE-MOISÉS
LUÍS AUGUSTO FISCHER

Projeto gráfico | Capa | Revisão
Preparo de originais | Produção gráfica
RETINA 78

Dados internacionais de catalogação na publicação
Bibliotecária responsável: Mara Rejane Vicente Teixeira

Palma, Jaci.
Meu primeiro morto / Jaci Palma. - Curitiba, PR : Secretaria de Estado da Cultura : Biblioteca Pública do Paraná, 2013.
p. 128; 21 cm.

"Vencedor do Prêmio Paraná de Literatura 2013 - Categoria Romance."

1. Ficção brasileira. I. Título.

CDD (22ª ed.) B869.3

PARANÁ SECRETARIA DA CULTURA
Imprensa Oficial
BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ
RETINA 78

Prêmio Paraná de Literatura

MEU PRIMEIRO MORTO

JACI PALMA

Biblioteca Paraná

para Márcia

CAPÍTULO 1

Quanto tempo ainda? Com a ponta dos dedos percebo a vesícula do herpes se insinuando no canto do lábio. Tenho vontade de espremê-la, mas me contenho. O ar fica saturado de maus presságios enquanto as criaturas não aparecem. Como num ambiente repleto de gás butano em que o menor estremecimento, o interruptor sendo aceso, por exemplo, é suficiente para explodir tudo. Então que venham, que venham logo, que apertem logo o botão. Na Emergência, se é oito, se é nove, se é onze, é o tempo todo a mesma coisa. O mesmo cansaço, sempre ali, fera ao redor da presa. E eu no front me esgotando na ronda sem fim de radiografias, tomografias, sirenes, choques hemorrágicos, sépticos, fraturas de todo tipo, em todos os ossos, queimaduras, óbitos. De primeiro ano, me impressionava com a palavra e a repetia enquanto me esforçava para não dormitar ao pé do leito do terminal da UTI. *Óbito, óbito, ó b i t o.* Queria presenciar o momento mesmo da passagem. Glasgow 3, olhos de boneca, pupilas não-reativas, reflexo córneo-palpebral, de tosse, de vômito, óculo-vestibular, eletroencefalograma não responsivo. O instante em que os sinais vitais cessavam, se os aparelhos permitissem. Comunicar a família e a central de notificação, captação e distribuição de órgãos para transplantes. Fim de caso. E os médicos? Ah, que não façam muitas exigências. Que não causem muitas dificuldades. Que atendam sorridentes e bem dispostos as urgências todas. Os casos

pediátricos. Os casos obstétricos. Enfim, o que der, porque vaga não tem mais, e o povo não para de chegar, nunca para de chegar. E que não reclamem muito. Prefeitos e vereadores podem não gostar. E sabe como é, médico usa branco, é barato e tem em todo lugar. Daí melhor não reclamar. Eu não reclamo. Este hospital cada vez mais transformado num estranho dispositivo de finalidades incompreensíveis. E a medicina cada vez mais transformada num enorme aparelho tecnocrata que não faz nenhum esforço para disfarçar o desinteresse pelas pessoas. E a entrada da Emergência cada vez mais transformada numa enorme fístula de derramar pedaços de carne danificada de quem não tem nada a perder, a não ser a própria integridade, que arriscam para não morrer de fome. Motoboys arrebentados caídos de seus cavalinhos de motores apressados. Moradores dos viadutos quase mortos de tanto fumar crack inventando pequenos crimes para comprar mais. Policiais e bandidos chegando sem parar escancarando nossa guerra cotidiana. E, ainda, outros infelizes em busca de um atalho, um esconderijo, um lugar onde possam ser atendidos sem ter que esperar meses em filas. Os pobres todos esparramados pelos corredores olhando com seus olhos de súplica, suas sacolas plásticas, seus exames, suas receitas, seus documentos. Quirera para servir de alimento aos coitados, repulsivos, migalhando um aceno de socorro. Uma espécie de vício de pedir ajuda sem nem saber bem para quê. E que não saiam de mãos abanando, que aceitem qualquer coisa, qualquer que seja, e que venha de preferência aviada, e de preferência em receituário azul. E há outros olhos, das enfermeiras, das técnicas de enfermagem, dos instrumentadores. E todos lançando censuras, cobrando condutas das quais não tenho certeza, simulando minha autoridade de *doutor* à minha revelia, simplesmente porque precisam dela, submissos e invejosos em seus uniformes brancos ridículos. Há um ponto em que fatalmente falho e reincido sempre no mesmo ponto, não vou mudar. Trabalho no limite e nunca há uma próxima oportunidade.

Um deslize, por menor que seja, pode ser irreparável. (Uma vida perdida, uma sequela irreversível, um processo indenizatório, o acordo injusto, a família se despedaçando.) Não havia cometido nenhum erro, nenhum que fosse grave, ao menos. Havia feito todo o possível. Havia feito todo o possível. Havia feito todo o possível. Se tivesse me preparado melhor. Se minha mão não tremesse. Se minha cabeça não estivesse cheia de dúvidas, que mais parecem certezas, que se antecipam à minha falta de coragem. O senso de responsabilidade que orienta minhas condutas não é exatamente altruísta, não sou bondoso. Meu interesse em salvar vidas não é maior que meu senso de autoproteção. Sei de todos os macetes para não me comprometer além do necessário. Se o paciente não cabe no leito, serramo-lhe os pés. Eis a lógica, talvez a única para suportar tudo isto. Havia feito todo o possível. Preciso acreditar que havia feito todo o possível.

Não consigo deixar de lembrar da Loira e da antiga esperança de dias felizes ao lado dela, dos filhos que viriam, do carro importado, da cobertura num bairro elegante, blá-blá-blá. Na fria e inquieta rotina da madrugada erijo sonhos bestas que se evaporam na evanescência das horas gastas no plantão. Depois volta tudo ao normal, tudo como tem que ser, eu acho. Ando com muita dificuldade para encontrar meus próprios pensamentos.

CAPÍTULO 2

Ouço ao longe a sirene se aproximando, antecipando em uns poucos minutos uma nova entrada. Devíamos ter sido avisados antes da ambulância chegar, mas isso não acontece, a incompetência é a regra. Há um pequeno tumulto, todos se movimentam com pressa e se posicionam rapidamente. As piadas sujas dão lugar a uma expectativa silenciosa e as caras amassadas, de cansaço, assumem agora uma feição bastante séria. Visualizo os algoritmos todos, com seus protocolos infalíveis, e o medo é que não consiga lembrar, que não saiba o que fazer. ABC. ABCD. ABCDE. Passo e repasso a mesma sequência, não pode haver falhas, é tudo organizado em sistema de prioridades, basta que eu não esqueça, basta que esteja atento. Abrupta, a porta se abre, a fístula derramando mais carne estragada, mais uma vítima lá de fora, onde estão sempre em estado de sítio. E todos vêm parar aqui, onde vivo madrugando expectativas sombrias. E são todos repugnantes, um bando de ralados, todos fodidos, palhaços de circo, protagonistas de um espetáculo grotesco. Na maca apressada vem um doente, um morto talvez, azar o dele não ter dinheiro, simplesmente atiram aqui dentro, entregam a encomenda e desaparecem. A equipe acena com olhos interrogativos, pedindo uma orientação, uma ordem qualquer, *o que fazemos?*, perguntam, em silêncio. O problema é que nem sempre tenho as respostas. Em condições ideais, se as prioridades fossem respeitadas, e elas nunca devem ser desrespeitadas, deveria chegar estabilizado. Preciso ser rápido e minucioso ao

mesmo tempo. Balanço os ombros do infeliz vigorosamente, pedindo por seu nome, se está acordado, se está ouvindo. Repito o procedimento e não obtenho nada, nem o menor sinal. Não há tempo de fazer avaliações mais precisas aqui, o importante é saber que ele está inconsciente, o que não é boa coisa. Preciso identificar a causa do problema o mais rapidamente possível. A roupa encharcada, de certa maneira, facilita meu trabalho, e indica que ele está sangrando muito e que deve haver algum ferimento grave. Nessas horas é importante manter a calma. Checo o pulso carotídeo, tem pulso ainda, mas bastante fraco. Ordeno que tomem a pressão arterial, providenciem acesso venoso, curto e grosso, solução cristaloide a correr, ringer lactato aquecido, oxigênio em máscara laríngea. A hipotensão associada à hemorragia significa que ele deve estar em choque e que preciso agir. O paciente é instável e a prioridade é a reposição de volume. Ventila muito superficialmente e já está arquejando, decido intubá-lo imediatamente. Nenhum sinal de corpo estranho em vias aéreas, nem de fratura facial ou mandibular, *chin lift*, *jaw thrust*, laringoscópio à mão esquerda, sonda traqueal à mão direita. Visualizo a epiglote e insiro a sonda. Se eu não tremesse seria mais fácil. Os protocolos são sucessivos e infalíveis. As ações são simultâneas e imprecisas. ABC. ABCD. ABCDE. Os pensamentos precisam de organização, um de cada vez, é fundamental manter a tranquilidade. Retiro o fio-guia, conecto o ambu, mostro rapidamente à enfermeira como se deve ventilar e peço a ela que assuma a posição. *2005, 2004, 2003, 2002, 2001, uma ventilação, ok?, neste ritmo, ok?* Fico indeciso por um instante, que parece demorar muito, todos olhando, apreensivos. Ordeno à outra enfermeira que inicie as compressões torácicas. A lesão é de localização tóraco-abdominal, hipocondrial, epigástrica, ocasionada por arma de fogo, ou seja, tomou um tiro na barriga. Sangra muito, o desgraçado, alguma artéria calibrosa deve ter sido atingida. Um garoto de vinte e poucos anos. Geralmente existe um orifício de entrada e um de saída, a não ser

que o projétil tenha se alojado lá dentro. Em caso de crime preservam-se as evidências. Já salvei muitos bandidos, mas isso não vem ao caso agora. Mesmo com reposição volêmica agressiva, ele continua com hipóxia, taquipneico, hipotenso, pálido, com extremidades frias, úmidas e pegajosas. Ainda instável, o filho da puta, e perdendo muito sangue, muito sangue, é provável que não dê tempo, melhor não pensar nisso agora. Ausculto o coração e percebo que está fibrilando. Preciso fazer alguma coisa, preciso agir, gel na pá, pá no peito, aplico um choque de duzentos joules. *Afastem, afastem.* Ordeno a retomada imediata das compressões e peço para as enfermeiras trocarem de posição. A mais descansada assume a parte mais pesada do trabalho. Preciso de compressões efetivas, cem por minuto, no corpo do esterno, 5 cm de profundidade, observar o retorno do tórax, manter a perfusão coronária e cerebral. Preciso de muita calma agora, preciso raciocinar, não posso perder o controle da situação. Instalo os conectores do cardioversor enquanto penso no que fazer. ABC. ABCD. ABCDE. Lembro dos cinco H's e dos cinco T's, das causas de base, nesse caso temos hemorragia e hipotensão, se não esqueci nenhuma delas. Ordeno à enfermeira que prepare 1 mg de epinefrina e peço para que avise assim que estiver pronta, comunicação em alça fechada. Prosseguir com as compressões. *Quanto tempo?*, pergunto. Ninguém responde, não entenderam, nunca entendem, preciso ser mais específico: cocada, de coco, de coqueiro. Fibrilando ainda, o desgraçado, não vai reverter, vou ter que aplicar novo choque. *Afastem, afastem, tirem as mãos.* Compressões outra vez. Avisem em dois minutos, ok? Aplicar a epinefrina, em bolus, manter o membro elevado. Está sangrando muito. Não vai dar tempo de corrigir o sangramento. Vai morrer o infeliz. Não vai nem chegar ao bloco cirúrgico. A injúria foi muito grave. Tudo acontece rápido, rápido demais. Preciso raciocinar. ABC. ABCD. ABCDE. Talvez ele esteja fazendo um pneumotórax, ou um hemotórax. Como não examinei os pulmões antes?! O diagnóstico aqui foi fácil e tento agir com

o máximo de agilidade. Agulha calibrosa no segundo espaço intercostal, na linha médio-clavicular, dreno em selo d'água. O procedimento é fundamental para poder ventilar direito. Há uma esperança ainda, a descompressão torácica pode ajudar no retorno venoso.

A criatura gaspeia, quase em falência, e eu me desdobro em malabares de emergencista mal preparado. Não há o que tire o desgraçado desse estado. Talvez deva desistir. Se insisto demais provoco um desgaste desnecessário em toda a equipe. Preciso raciocinar. ABC. ABCD. ABCDE. Nos casos de parada por choque hemorrágico a taxa de reversão é baixa, em torno de quinze por cento, e a sobrevida diminui para cada minuto que passa entre o colapso e a desfibrilação. A maior parte dos feridos por arma de fogo, aliás, morre antes de chegar ao hospital. E enquanto isso, todos continuam olhando, interrogativos, assustados, esperando que eu faça alguma coisa. Esperando, esperando. É só o que sabem fazer. Esperar que alguém os salve, que alguém os liberte da miséria em que vivem, que alguém venha espontaneamente em seu socorro. Como se houvesse alguém interessado de verdade neles. Não há ninguém interessado, ninguém. Só o que interessa é que façam a bondade de existir sem se queixar, sem causar grandes transtornos ou, melhor ainda, que façam a gentileza de desaparecer, de morrer logo. Eu mesmo gostaria de matá-los, se pudesse. Quanto a este aqui, o garoto, trato de revisar mentalmente o atendimento para descobrir um jeito de me safar, não vão me pegar, não dessa vez. Verifico o ritmo: assistolia. *Novo choque. Reinício das compressões. Dois minutos. Reavaliar o ritmo.* Nada. Tento um murro no tórax do infeliz, uma, duas, três vezes... Nada, não acho nada. O que acontece que apesar de todos os esforços os filhos da puta continuam a morrer? E este aqui é só um garoto, mais um, e só o que resta é o olhar estático, arregalado, pendendo num último momento de vida, como numa fotografia. Qual teria sido sua última visão? O que acontece com alguém que leva bala? O que acontece com alguém que sabe que vai morrer? Olho ao redor, as caras todas disfarçando o medo, o medo. E o silêncio.

CAPÍTULO 3

Não atirei em ninguém. Conseguiram atingir um vaso calibroso e, pelo visto, demorou demais para chegar ao hospital. Muito a contragosto, a ambulância se deslocou até o endereço. *A vizinhança não é confiável, doutor,* é o que diz uma das enfermeiras, a infeliz, que mal sabe distinguir os instrumentos. O paciente chocou e não pude evitar. Não pude. Meu erro não fez tanta diferença assim. Só resta agora contar a história, o relato do caso, me proteger judicialmente. Vão vir para cima de mim, tenho certeza, sempre vêm. Vingança, eles querem, vingança e, se descolarem algum, tanto melhor. Sem demora tomo a prancheta nas mãos, é preciso descrever tudo minuciosamente, sem me comprometer, para que tudo pareça perfeito, perfeito como num dos grossos livros ilustrados que costumava utilizar durante a faculdade. *Choque hemorrágico em função de ferimento ocasionado por arma de fogo, de aproximadamente 0,5 cm em seu maior diâmetro. O projétil alojou-se no hipocôndrio direito atingindo no trajeto...*

Interrompem para fazer o favor de lembrar da minha parte preferida, havia esquecido, tenho que conversar com a família, diversão garantida ou seu bilhete de volta. São o pai e a mãe, seria melhor se não existissem. Mas estão ali, de olhos arregalados, curvados, esmagados, agarrando-se fortemente. Animaizinhos indefesos lambendo-se um ao outro, suscitando com seus pequenos corpos de gente

pobre a esperança que já sei de antemão falsa. Só o que resta, aos pobres, como eles, são os filhos. Mas para estes dois aqui não há mais volta, perderam o filho. Não posso conceber o que é perder um filho, devo estar ficando insensível, talvez louco. Isto precisava mesmo ter acontecido? Justo no meu plantão? As criaturas aqui à minha frente. A desgraça nunca é demais. Não sei o que dizer. Quero falar. E não quero. Sou ainda despreparado, incapaz. Talvez nunca esteja preparado para uma coisa dessas. Talvez não tenha coragem. E além disso, as palavras aqui dentro são mudas, mecânicas, emperradas. A Emergência é uma grande e estranha máquina, gemendo sem parar um ranger entrópico e tedioso de roldanas inúteis. Ninguém se ouve, nem mesmo aos gritos. Um lugar destes, que devia ser implodido em suas fundações, é como o prenúncio de um furacão. E o olho do furacão sou eu.

Por que não desaparecem? É o que digo, de repente, meio sem querer, num murmúrio fraco, quase um suspiro, um lamento, tão baixinho, que chego a ter pena de mim mesmo. Apesar disso, devem ter ouvido. *O que, o que disse?*, perguntam afetados. Ficam na mesma hora eretos, em posição de defesa, orgulhosos e ofendidos, os dois, o pai e a mãe, o paizinho e a mãezinha, não sei o que fazer. *O que você disse?* Levanta a voz, a pequena senhora, gorducha, usando roupas justas demais, dobras e pelancas aparecendo, repulsiva, ofegante, varizenta, aos prantos, com as mãos segurando as orelhas, compreendendo tudo. Olho para os lados imaginando que algum colega pode estar observando. É muito fácil, e rápido, destruir uma reputação. Um incidente como este, um familiar berrando pelos corredores, é muito grave, e pode ser o que faltava, especialmente no meu caso. O que faço para acalmá-los? Peço que não gritem. Isto parece enfezá-la ainda mais. O pobre do marido, magro, neurastênico, desnutrido, de calça de tergal gasta, chinelos de dedo, camisa velha, encalhado na miséria, cansado de tudo, cansado da vida, tenta pateticamente tranquilizá-la. Ponho as mãos nos bolsos

para conter a tremedeira. Apesar dos esforços que faço para proteger estas pessoas delas mesmas, não sou completamente inocente. Os erros se sucedem. Poderia ter feito mais, melhor. A criatura morreu sob minha guarda, minha disciplina. E esta morte, esta maldita morte, põe tudo em xeque, de novo, com sua insolência, suprema insolência, incontestável insolência. E denuncia um ponto cego que é meu próprio ponto cego. Preciso desumanizá-los para poder lidar com a situação, para poder tratá-los. Preciso violentá-los para salvar a mim mesmo. Quanto mais rígida e aplicadamente executo os complexos sistemas de prioridades que guiam meu trabalho, mais fico tranquilo em relação a... A quê mesmo? Os doentes são a metáfora de que preciso. Ninguém nunca vai saber o que aconteceu ou o que deixou de acontecer, em breve nos esqueceremos de tudo, sempre esquecemos. Um erro de conduta, uma avaliação equivocada, um descuido da enfermagem, isto não tem mais importância alguma. Vencidos, estamos todos vencidos. Sobretudo eu estou vencido. Respiro profundamente. Procuro não pensar em nada, manter a calma, o equilíbrio. A qualquer momento pode chegar outro caso, mas antes, preciso resolver esta situação aqui. Afinal, o que se diz numa hora destas? Desculpe? Desculpe meu senhor, minha senhora, não pude evitar, não pude salvar o filho baleado de vocês? Não tenho nada com a miséria em que vivem, seu filho devia estar mesmo condenado, como vocês, como eu, entenderam? Ou: não quero nenhum envolvimento com suas vidinhas infames, é isto que devo dizer? Devo dizer alguma outra das minhas verdades de médico? Ou, então: não tive culpa, ou: me deixem em paz, é isto? Não digo nada. Não há nada que possa ser dito. Dou as costas a eles, simplesmente, o mais rápido que posso.

CAPÍTULO 4

Para me esconder uso esta salinha onde está escrito *descanso médico*. Nem deito direito na cama velha de hospital, do mesmo tipo que as usadas pelos pacientes, de molas enferrujadas e rangentes, já o telefone começa a tocar. Que se foda, deixo que toque, se for algo importante não vão deixar de avisar. Antes, preciso finalizar o boletim. Preciso pensar melhor. Não pode haver falhas. O atendimento tem que parecer perfeito. Não devem ter ficado lá muito satisfeitos comigo, o paizinho e a mãezinha. Com o tempo, os médicos adquirem a estranha habilidade de não se envolver demais com seus pacientes. Aprendem a deixar a responsabilidade em suspenso, quicando, pronta para ser imediatamente transferida ao primeiro otário que goste de salvar vidas, como eu, por exemplo. E que goste também de abrir mão da glória e da grana e, ainda por cima, tome para si todos os riscos. A verdade é que estou perdido. Exorbito aqui ou lá fora. Não tenho saída. Não tenho salvação. E nem quero. Prefiro o ressentimento.

A Loira sabe disso perfeitamente bem. Quer dizer, não sei... Afinal, só tem olhos lá para o mundinho dela, uma meia dúzia de gatos pingados siderando ao redor de seu umbigo. De qualquer modo, a coisa toda veio bem a calhar porque foi justamente por isso que eu a peguei: cercando a belezura de cuidados e atenções. Não foi

difícil. Na época contava ainda com boa reputação. Era R1 e já operava como ninguém. O papaizinho, o futuro sogro, sabia disso. Me respeitava, mas nunca foi com minha cara. Nem eu com a dele, aliás. Devia ter suspeitado que eu acabaria bulinando com sua filhinha. Não havia como não perceber. Era quase óbvio. Bastou um jantar com lagosta e vinho branco num desses restaurantes metidos a besta, com o maître babando ovo, elogiando minha excelente escolha. Depois muita conversa fiada carregada de expressões técnicas e outras bobagens, blá-blá-blá. Resumindo, trepamos a noite inteira. Era essa nossa língua, sem trocadilhos. Vadia, era como gostava de ser chamada. *Vadia, me chama de vadia.* Chamava, é claro.

Os tais artigos científicos que não passam de imitação barata de periódicos internacionais. As conclusões estatisticamente comprovadas de caráter evidentemente tendencioso. A falta de coragem. A falta de seriedade. A falta de imaginação. Tudo isso para ela é perfeitamente assimilável, dá de costas, faz que não ouve. Não mede esforços para ser aceita entre os oportunistas premiados com seus mestrados e doutorados e aplica tudo que lhe ensinam sem o mínimo de reflexão. Eu não consigo agir assim, tenho meus princípios, muito embora nem ela, nem ninguém mais acredite nisso. Apesar disso, apesar de tudo, sinto saudades. Saudades dela, da Loirinha, daquela canalha. Saudades de seu cabelo sempre liso, escovado, pintado, cheiroso, perfeito, de suas unhas sempre aparadas, arranhando minhas costas, gemendo fundo enquanto gozava dentro dela. Saudades do tempo em que nos importunávamos um ao outro, fingindo que era tudo banalidade, fingindo que não nos importávamos, que não nos ofendíamos. E falávamos de trabalho. Do apêndice apodrecido com a barriga cheia de pus. Do paciente em choque séptico depois da cirurgia. Da colecistite que ela esfriou com antibióticos, mesmo sabendo que se tratava de uma urgência, só para poder operar depois do plantão, em caráter eletivo, e ganhar do SUS o equivalente a uma ida sua ao pedicure. (Ela sempre foi

muito sagaz.) Do frio desprezo com que mencionava seus pacientes, como se tivesse o poder da cura, como se, por causa disso, fosse então alçada a alguma condição elevada e especial e conquistasse, assim, o direito de se comportar da maneira mais caprichosa e rasteira possível. Qual o problema?, ela perguntava e, na irritação com que fazia a pergunta, podia perceber o desejo de que a pergunta, por si só, fosse capaz de acabar com qualquer argumento, como se não pudesse haver resposta. Qual o problema de poder curar as pessoas? Nenhum problema, meu amor, era o que eu dizia, nenhum problema, o problema é acreditar nisso.

Será que não se sente responsável por nenhuma das mortes que passaram por suas mãos? Nenhuma? Acredita mesmo que somos capazes de salvar as pessoas? Tem certeza disso? Será que dorme bem? Eu não durmo. Somos mesmo muito diferentes, eu e ela, eu e a Loira. E depois de tudo, nosso amor espanou, não tem mais conserto. Estamos arruinados.

CAPÍTULO 5

Outra vez o maldito telefone. Não posso deixar de atender. Passam o médico do posto, inseguro, atropelando as palavras no relato de um novo caso. Louco para se livrar do paciente, enfatizando a necessidade da transferência imediata a um centro de atendimento qualificado. Alimentando minha vaidade profissional com falsos elogios para que assuma a encrenca no lugar dele. Ou seja, empurrando com a barriga. Intoxicação por benzodiazepínicos, barbitúricos talvez, é o que ele diz, a mãe estava muito agitada, não soube informar direito, sic. Você sabe que não tenho mais nenhuma vaga aqui, respondo, mas faça como achar melhor.

Enquanto aguardo saio para fumar. Continuo fumando. Observo, meio absorto, a fumaça desenhando nuvenzinhas que se confundem com a neblina espessa da noite fria. Súbito, tenho a sensação de que vou morrer. Jogo longe o cigarro recém-aceso. Cuspo várias vezes, respiro fundo, endireito as costas. Não consigo parar de pensar que estou com câncer no pulmão, ou no esôfago, ou no estômago. Não consigo parar de pensar que não devia estar aqui, que devia estar lá dentro, trabalhando, podem estar precisando de mim. Devia voltar correndo, como sempre faço, todos os dias. Ou melhor, como fazia, no tempo em que ainda treinava para as corridas beneficentes, para os desafios 10k, 21k, com meu frequencímetro, minha garrafa

para hidratação e minha barra de cereais. Correndo ganhava muitos pontos no meu escore pessoal de apostas previsíveis. Quanto mais previsível, mais pontos acumulava. Fazia parte do time que prescreve todas as receitas para uma vida maravilhosa. Aprendi com o velho. Costumava admirar sua antiga perseverança, sua antiga teimosia. Sempre do mesmo jeito, a mesma disciplina, as mesmas velhas lições repetidas à exaustão. Por causa dele, sei de tudo que pode e de tudo que não pode. Estou mesmo no comando. Vivo engessado em uma noção bastante precisa entre certo e errado. Apesar de não saber para que isso serve. Apesar de ainda fumar escondido. Apesar do velho, como era antes, já não existir mais. Apesar de não dispensar pequenos confortos e a ingênua sensação de segurança. De não pintar meu autorretrato. De não ousar proferir o santo nome em vão. De não parar de desfiar as contas desse rosário de novena. De não conseguir arrancar nem mesmo um riso sardônico de quem quer que seja. Só o que consigo é exibir a mim mesmo minhas performances exemplares para me convencer de que sou máquina cada vez mais eficiente. Máquina de ser máquina. Um círculo dentro de um outro círculo. Minha vida uma estrutura concêntrica que se fecha em si mesma. Aquele que, perdido na mata, depois de muito caminhar, volta sempre ao mesmo ponto. Presa de um sistema pan-óptico, presa fácil. E ainda olhando desconfiado para os lados, com medo de ser visto com o cigarro na mão, achando que o cigarro tinha ficado o tempo todo comigo, o cigarro que já tinha posto fora! Muitas horas ininterruptas de trabalho e fico assim, confuso, mergulhado numa espécie de lusco-fusco entre sonho e consciência. Entre adjacências de memórias que se presentificam. Entre sombras do passado que vêm à tona atropelando tudo, mortificando tudo, e já não sei mais o que vem antes e o que vem depois. Faz tempo que não durmo, não lembro bem. Talvez tenha adormecido muito superficialmente sem ter percebido. Talvez esteja dormindo agora mesmo.

CAPÍTULO 6

Ouço indistinta a voz da enfermeira querendo dizer alguma coisa. Meus olhos ardem. Parecem ter aumentado de tamanho. As pálpebras duas dobradiças velhas e enferrujadas. *Doutor, estão lhe chamando.* Devo ter adormecido. O tempo necessário para despertar completamente do sono profundo pode ser de até alguns minutos. Na Emergência isto pode fazer a diferença. Não para mim, porque não me importo mais, mas para os pacientes, para eles, sim. Se não andasse muito cansado, talvez conseguisse acordar rápido. O problema é que, no estado em que me encontro, não consigo mais achar que faço um bom trabalho, que salvo vidas, que sou indispensável, que talvez precisem de minha ajuda, que talvez queiram minha presença. Este hospital, estes doentes, estes rostos todos, já se transformaram em um retrato amarelado na parede. E não importa que continuem atirando estes miseráveis aqui dentro, não importa que lhe arranquem os olhos ou a mão direita, não importa, simplesmente não importa. Continuo fazendo o meu trabalho, no automático, do mesmo jeito de sempre.

A sirene já maltrata os ouvidos outra vez. A paciente vem na maca e junto dela uma senhora ofegante, visivelmente assustada, a mãe, é claro. De olhar suplicante traz um pequeno pacote à mão, uma sacola plástica, odeio essas porcarias. Foi isto que ela tomou, diz, trêmula. Trouxe diversas caixas de remédios, uma tonelada de

tranquilizantes, incluindo o fenobarbital. Quem é que ainda toma gardenal? Só pode ser pobre. Sinal de miséria esses malditos embrulhos de supermercado, sinal de problema também, serei processado, fatalmente. Terei sorte se a dose não for letal. A culpa é sempre do doutor, de quem mais seria? A culpa sempre foi minha. E, por força do hábito, já antes do atendimento lamento profundamente todos os erros futuros. Como o criminoso que lastima antes de cometê-los os crimes de que é capaz. Como o meu pai. Ele passou a vida lastimando não sei o quê, o velho, e agora nem isto mais consegue. Ou então foi justamente o que sempre quis. Já conheci doentes que amam sua doença. Talvez seja o caso. Talvez ele ame sua doença. Talvez no mal que o aflige, irremediável, ele tenha afinal encontrado o esconderijo capaz de proporcionar a mais secreta das solidões. De algum modo, ele sempre soube que a única fortaleza é a solidão. A única capaz de ajudar a nos desembaraçarmos da malha fina que é a presença fraternal e inamistosa do mundo. O último refúgio, de onde nos desenredamos de quase tudo, exceto da nossa doença mais querida. Esta sim, nossa única porção verdadeiramente apartada, o membro amputado, a dor, que só a nós mesmos pode interessar.

Doutor? Doutor? A equipe inteira olhando e eu aqui embriagado de lembranças inúteis. Todas elas escondidas e, ao mesmo tempo, espalhadas, como metástases de um câncer. *Doutor, doutor?* Súbito, parecendo emergir de uma profunda e longa apneia, volto a perceber o ruído das vozes e a intensa movimentação ao meu redor. Reconheço atordoado uma das enfermeiras sacudindo meu braço. Fico ainda alguns instantes indeciso e, por mais que tente, não consigo lembrar a dose do antagonista. Qual é mesmo o esquema de Briggs? Ordeno que passe uma sonda pelo nariz e faça a lavagem gástrica. Foi encontrada em um hotel de segunda, a criatura, a que veio da UBS. Além dos remédios, aposto que virou uma garrafa inteira de cachaça, para tomar coragem. De última hora deve ter desistido e, de dentro do quarto imundo, telefonou para a mãe,

pedindo socorro. A desilusão tem lá suas ironias. Antes, porém, deve ter ficado em pé na murada, em frente à janela e, com toda doçura, contemplado o asfalto lá embaixo. E deve ter pensado: *todos vão lembrar que já havia mesmo algo estranho em mim, que mais cedo ou mais tarde acabaria acontecendo.* E depois: *ninguém entenderia.* Desistiu por medo, talvez por orgulho. Mas não tem nada não, aqui estou eu, o super-herói, pronto para acabar com todos os males e salvá-la dela mesma, pronto para redimi-la de seus pecados. Ah!, como é gratificante poder fazer o bem pelas pessoas, poder ajudar miseráveis desconhecidos.

Com quantas gotas de moralismo se faz um panegírico desses de emparedar malucos? Com quantos eletrochoques se impõe a alguém a obrigação de viver feliz e em paz? A criatura está obnubilada, não ouve bem e não responde direito. Além disso, parece desidratada e um pouco desnutrida. Soro glicosado e flumazenil endovenoso devem resolver. Vai acabar ficando bem, ou melhor, vai acabar ficando viva, boa menina. Noutras palavras, o quadro é estável e o prognóstico favorável. Vou com ela até a sala de observação, para mais uma checagem. Tem uma ternura em mim, nessas horas, uma ternura que me amolece. Quanto mais me compadeço, mais o meu raciocínio clínico fica embotado por sentimentos que fazem meu olho menos objetivo, que atrapalham. Melhor deixar disso, as enfermeiras que a levem. Fico em pé, parado, no meio do corredor. Observo seu rosto, de olhos adormecidos, chacoalhando no embalo da maca enquanto se afasta, rapidamente, até desaparecer atrás do estardalhaço das abas se batendo num estrépito mudo. Na Emergência, as portas são assim, todas elas podem ser abertas nos dois sentidos, com folhas que se deslocam com facilidade, em vaivém incessante, e que se abrem completamente, quer seja empurrando, quer seja puxando. A circulação deve ser facilitada, claro, os fodidos que aqui aparecem têm que voltar à sarjeta de onde vieram o mais rapidamente possível.

CAPÍTULO 7

Com a língua sinto a vesícula do herpes agora latejando, impondo sua presença em dolorosa vibração na comissura labial. Irreconciliável comigo mesmo não posso mais consentir com o que tenho. Nada é a mim mais ofensivo do que a Loira se julgando moralmente superior. Sempre ditando as regras. Sempre disposta a levar até as últimas consequências a verdade suprema que carrega em sua bolsa Fendi. Não sei se ela percebe. Não sei se é capaz de perceber a solidão entre nossos corpos melados de depois do sexo. Entre nossos lençóis impregnados com o pouco quase nada que nos resta. Para quê, afinal, tudo isso? Como foi que isso pôde acontecer?

Gostava de me ver operando no bloco. Perguntava, entre orgulhosa e assustada, o nome dos instrumentos: mosquito, Metzenbaum, Halsted, Mixter, Allis, Farabeuf, porta-agulha, catgut, tomava notas, flertava comigo. No início, fomos bastante cúmplices um do outro. E já imaginava o que seria. Seríamos eu e ela, nós dois apenas. E não haveria nada que não fosse estarmos plenos de nossas próprias garantias. Náufragos de nós mesmos, mas com os olhos postos em terra firme. Saboreando nossos paroxismos delirantes de gozo no corpo um do outro. Salvos do medo da dor e da morte. Confiantes. Invencíveis. É bem verdade que nos apaixonamos. Essa parte até que foi fácil. O difícil foi continuarmos juntos. Não

pudemos nos reconciliar num terreno que não fosse o das nossas idealizações. Cada vez mais desencontradas, aliás. Ficávamos nos medindo o tempo inteiro e nosso amor acabou virando moeda de troca. Nos transformamos em avarentos de nós mesmos. Não tivemos a coragem de nos encontrar ao rés do chão. O que nos restou de concreto foi que perdemos a confiança um no outro. E já faz bastante tempo. Não há mais necessidade de acanhamento. Podemos enfim falar tudo que tivermos vontade.

Fiquei sabendo que o papaizinho declarava mais de dois milhões. Foi aí que resolvi insistir. Achei que poderia ser vantajoso para mim. Abriria uma ONG para o tratamento de politraumatizados, de queimados, sei lá, não importa, a grana seria minha, a Loira seria minha. Precisava pensar no futuro, na carreira, precisava pensar em mim mesmo. A essa altura achava que conseguiria ingressar naquele mundo lá deles, mas não pude, e ela não foi capaz de entender meus motivos, nunca será. Não era capaz de perceber que minhas ideias me excluíam, que meus gestos ameaçavam a ordem das coisas, sua pequena diversidade. Motivos como os meus nunca existiram para ela, talvez tenham existido para seu pai ou para seu avô mas, para ela, não, ela não sabe o que é isso. Não sabe o que é falta de grana. Não sabe o que é viver contando a sobra do final do mês. Ah, não, a Loirinha, a princesinha, jamais entenderá uma coisa dessas. E cada gesto deles era incômodo. A soberba disfarçada em seus modos afetados. Os estranhos cacoetes. Os pequenos sinais fabricados no desejo mimético de pertencer à casta. A acidez dos comentários. As gargalhadas sem substância. A maldade. Tudo isso, odioso. Todos eles, odiosos. O Império Romano em decadência. O superlativo da ganância. E, principalmente, eu ter permitido que eles me transformassem no que agora tento deixar de ser. E parece que não há retorno possível. Não sei o que faço com esta amargura que me consome, que invade, a contragosto, meus pensamentos, que me mantém preso a esta vaga de sentimentos corrosivos como soda cáustica,

nocivos como inço no meio da plantação. Era como um penetra em festa alheia, um parasita, para ser mais exato.

Até mesmo em nossa própria festa era assim, minha e da Loira. Só o que restava era apelar para o *blended* mais forte que havia. Usava uma saia dourada de lantejoulas e a luz incidia diretamente em meus olhos. Tínhamos ensaiado tudo. Na hora da deixa eu levantaria, tiraria do bolso do caro paletó a caixinha com o anel, e depois, com certeza, sobreviriam os anos mais felizes da minha vida. Nos fizemos juras de amor olhando candidamente um nos olhos do outro. Foi tão lindo. Agi com toda ternura de que era capaz enquanto lhe punha o brilhante. Ela estava verdadeiramente comovida. Sua voz chegou a ficar embargada em duas, talvez três ocasiões. Tinha conquistado, finalmente, o que tanto queria. Nossos carrões enfileirados na zona de *valet*. Nossas roupas de marca. Algumas joias. Os valiosos cartões de crédito. Europa uma vez por ano. Os pedintes à entrada comprometendo a harmonia da paisagem. Os convidados que mal conhecia. Podia vislumbrar com nitidez meu futuro e já me via velhote e aposentado comendo queijo coalho na beira da praia em algum balneário de Santa Catarina. Afrouxei a gravata. O desconforto não cedia. Fiz alguns agradecimentos, aos amigos, aos professores, à minha belíssima noiva, que sortudo era eu. Um brinde a todos. Esqueci de agradecer meu pai. Num trago tomei o resto do uísque. Minutos depois pedi licença para fumar escondido. Saí pelos fundos e fui até a cozinha em busca de fogo.

Da estreita porta recendiam calor e movimentação intensos. Barulho incessante de panelas, pratos e talheres. Uma profusão de cheiros indiscernível. Uma senhora de touca e avental brancos, baixinha e atarracada, alcançou um fósforo. Eram todos baixinhos, atarracados e, invariavelmente, mais morenos que eu. Tentei entabular uma conversa com a criatura e mal entendia o que dizia. Risos e alegres trejeitos de constrangimento diante daquele rapaz alto e branquelo. Levava a mão à boca a cada vez que sorria. Disse que atendia pela

graça de Marinalva, que tinha seis filhos e que intuía que eu seria muito feliz, o moço do sul. Disse ainda que pediria ao padroeiro que intercedesse por mim. Terminei o cigarro, *muito agradecido senhora*, pus na boca uma bala de menta e voltei ao meu mundo.

Fizemos um belo negócio, eu e a Loirinha, sem a menor sombra de dúvida. Sei muito bem que isto não é coisa que se diga, afinal, sou um homem elegante. Sei muito bem que o melhor mesmo é manter o decoro e continuar fingindo. Fingindo não perceber que nosso casamento é a mais venal das mercadorias, cotada no mercado e muito bem avaliada na praça. Fingindo não haver motivos para que ela não queira outro homem, melhor assim. Agora, falando sério, se é que no meu caso existe esta possibilidade, é muito fácil perceber que para ela seria melhor procurar outro do que suportar a mim. Não há dúvidas quanto a isto. *Vá embora, vá.* É o que deveria ter dito há muito tempo. Quero dizer, é o que *ela* deveria ter dito, não eu. Não serei eu a tomar a iniciativa, ah, não. Não vou poupá-la de nenhum sofrimento. Continuarei fingindo e, no final, vou tomar dela, da Loirinha, até o último centavo daquilo que não mereço. Com toda educação, naturalmente. Fabricarei um monstro para executar minha vingança. Cozinharei em banho-maria todas as ilusões que ela protege com tanto afinco. Seu ímpeto e sua paixão se esvaziarão às custas de meu rancor destilado. Transformarei nosso casamento no pior dos mundos só para poder mijar em cima. E quando ela já estiver farta, à beira de um colapso, desabando, prestes a fugir, a desistir, vou me atirar aos seus pés, ganindo, gemendo, soluçando, implorando seu amor. Te amo, vidinha, é o que direi. *Te amo mais que tudo. Sem você não posso.* Alimentarei as mais belas e falsas esperanças. Minha resposta será a sordidez. Quer dizer, seria, se eu não fosse covarde, o pior dos covardes. O fato é que não sei o que fazer, não sei. E estava falando sério quando disse a ela que, apesar de tudo, se fosse embora, ficaria louco.

CAPÍTULO 8

Três coitados atropelam trôpegos a porta principal trazendo mais um. A noite promete. E depois que você está na embarcação, meu amigo, já era. Não há como pular fora. Só o que resta é se inclinar de acordo com o vento. Ofegantes, aos gritos, pedindo passagem, carregam a criatura, estabanados. Dois o seguram pelas pernas e o outro pelos ombros. Os braços estendidos balançando no compasso desajeitado dos companheiros. As palmas das mãos para cima. A cabeça pendendo inerte para trás. Pobre, naturalmente. E agora também fodido. O que aconteceu?, pergunto. Não respondem. Os olhos injetados, arregalados, imensos, procurando um rumo. Decerto pensavam que podia ser um deles ali, com a fuça torrada, vacilando entre a vida e a morte. A criatura desceu ao porão para verificar a caixa de eletricidade. Um pequeno descuido foi o suficiente. Bastou que acionasse o interruptor. O ar úmido e o ambiente confinado criaram as condições ideais para que tudo explodisse em arco-voltaico. Uma grande chama lhe estourou na face, no tronco, nas mãos. Peço que saiam. *Lá fora, por favor.* Cabeça e pescoço, membro superior direito, membro superior esquerdo, tronco anterior. Fazendo uma rápida estimativa, regra dos nove, dá aproximadamente trinta e um por cento de superfície corporal queimada. Coisa feia. Esqueci as mãos, trinta e três por cento. Chamuscamento dos cílios e

das vibrissas nasais, orofaringe inflamada, queimaduras no pescoço, no tronco. Confusão mental. Todos os indicadores clínicos de lesão por inalação, por produtos de combustão incompleta. Deve ter havido lesão térmica direta. Sedo e intubo o paciente, imediatamente, para evitar obstrução da via aérea por edema supraglótico. Depois vai para a UTI, se houver vaga. Às enfermeiras ordeno que infundam ringer lactato a correr e que passem uma sonda vesical. São todas umas raladas, mais que eu. Pode ter havido lesão na córnea. Despejo soro fisiológico cuidadosamente, em abundância. As pálpebras edemaciadas. Raladas, mas vadias. Também, com a merreca que ganham. Peço que instilem um colírio. Examino mãos e braços. A superfície dos ferimentos tem aparência úmida, lacrimejante, mosqueada, muitas bolhas, edema intenso, mais no lado direito. As queimaduras são de segundo, de terceiro grau. Quem é que vou chamar se precisar de ajuda? Rezo para que não aconteça nada que não saiba manejar. *Doutor, pode ser síndrome compartimental, não acha?* Foi o comentário sonso da enfermeira velha. Se mostro insegurança, caem em cima. A outra, a técnica, sempre perdida, me deixa excitado. Qualquer uma me deixa excitado. Os cinco P's: parestesia, palidez, paralisia, pulsação ausente, falta um, sempre a mesma sequência. A responsabilidade é do médico, é minha, de quem mais seria? Hidratação, débito urinário, analgesia, basta que esteja atento. Devo saber o que fazer. Comparo o lado mais afetado com o outro. Palpo minuciosamente os compartimentos. A assimetria é flagrante. O desaparecimento do pulso distal costuma ser um sinal tardio de perda das funções da loja muscular comprometida. Não consigo confiar na velha, muito menos na outra, e preciso de ajuda. Por causa da roupa branca consigo entrever a calcinha que está usando. É mesmo uma vadia. Não há nenhum vascular nesse fim de mundo. Sou o único cirurgião. Não há ninguém com quem possa realmente contar, a não ser elas. Se não houver melhora nos próximos trinta, sessenta minutos, vou ter que operá-lo. Se

erro, posso ser processado por iatrogenia, imperícia médica. A infeliz não para de me excitar. Qualquer descuido pode ser fatal. Gislaine, ou Dislaine, o nome dela, medonho. Estou mais trêmulo do que o habitual. A escarotomia não costuma ser necessária nas primeiras seis horas após a queimadura. Deixo o paciente em observação, sob sedação. O antebraço direito inspira cuidados. As enfermeiras olhando com ar interrogativo. É preciso estar atento. A evolução é sempre imprevisível. Não há nada que possa ser feito, por enquanto. Não há nada que possa ser modificado, nada. Tudo igual. A madrugada sempre a mesma madrugada. Continuo ruminando minha dor na infelicidade dessa gente miserável. Deveria tê-la arrastado ao terraço do hospital, a vadia, teria sido em pé mesmo, com as calças arriadas. Deveria. Mas não pude, não pude, simplesmente não pude.

CAPÍTULO 9

Evito contato visual direto com os pacientes. Evito olhar para os lados. Ando sempre em linha reta, apressado, desviando de tudo e de todos. Mesmo assim, não consigo deixar de reparar em certos detalhes. Por exemplo, mesmo que faça um esforço tentando pensar em outra coisa, não consigo deixar de imaginá-los, com seus olhos arregalados, suplicantes, prestes a se atirar na direção de qualquer esperança de ajuda. O que, aqui dentro, significa que estão invariavelmente prestes a se atirar em minha direção. E mais, não consigo deixar de reparar em minhas narinas, pois o cheiro dos doentes é forte demais. Não consigo. É um problema físico, orgânico. Por mais que tente, não posso evitar. Impossível deixar de reparar em minhas mãos suando frio. Em minhas pernas e em meus joelhos tremendo. Em minhas têmporas que não param de latejar. Em minha respiração cada vez mais pesada. Abro a pequena basculante aqui do banheiro tentando buscar um pouco de ar. Não posso deixar de reparar na sujeira manchando os azulejos verdes. No mofo das frinchas. No barulho insistente da gota d'água que vaza da torneira estragada. Na válvula de descarga antiga que não funciona mais. Estou escondido e torço para não ser encontrado. Seco o rosto com o papel-toalha que se esfarela ao contato e arranha a pele. Não posso deixar de reparar nesta madrugada. Na neblina lá fora. No sussurro

constante, de sono, de sonho. *Médico*, é o que ouço, *médico, médico*. Precisam que eu seja médico.

Naquela noite prestei juramento. Depois de seis anos que se arrastaram pesadamente, as famílias só podiam mesmo se sentir aliviadas. E o imenso alívio que sentiam, mais a esperança de uma vida pródiga, endinheirada, deixava todos com uma cara esquisita, parecendo deformada, meio orgulhosa, meio ávida. Era bastante curioso observá-los. Todos iguais em suas roupas compradas exclusivamente para a ocasião, para a colação. Os vestidos longos, os sapatos de salto alto, as sombras em negro e dourado, o rímel, o batom discreto. Os ternos de corte italiano, as gravatas de seda, as camisas, as abotoaduras. Fiquei com a sensação de ter encontrado um sem-número de especialistas em meios-tons. E tinha ainda os vídeos encomendados pela comissão de formatura, ponto alto da cerimônia, momento em que as mãezinhas não conseguiriam mais conter as lágrimas. A Loira se empenhava naqueles preparativos com uma dedicação tão exagerada que não conseguia deixar de pensar que havia casado com uma idiota. Com um sorriso medonho que não conseguia desfazer, repetia insistente que era a melhor época da sua vida. Fiz que concordava, já meio anestesiado da bebida. Fui sendo conduzido por ela, pouco ligando para que lado fosse, até que nos acomodamos numas cadeirinhas esquisitas, no centro de um palco, sob uma luz que incidia diretamente em meus olhos. A Loirinha falava falava mas não lembro o que dizia e, de qualquer modo, não faria diferença alguma. Queria mesmo era fodê-la com força e com raiva, num canto qualquer, atrás daquelas cortinas. Mas estava ali, com o colarinho apertando o pescoço, suando em bicas. Aquilo dava enjoos. E ainda tinha que aguentar a leitura monótona dos discursos do orador de turma, do paraninfo e de sei lá mais quem. Não conseguia acreditar numa palavra do que estavam dizendo. Nem que aquelas pessoas ali pudessem se transformar em bons médicos. Muito menos que *eu* pudesse me transformar em um bom médico,

sobretudo. Apesar de já estar bêbado, eram os pais dos formandos que estavam, ou que pareciam, meio trôpegos. Subiam ao púlpito cambaleantes, patéticos. Empunhavam entre orgulhosos e atônitos um esquisito tubinho de papelão, representando os famosos diplomas. Mal acreditavam no que viam, os infelizes. E eis que identifico, na plateia, na primeira fila, meu estimado sogrão. Eu o admirava, verdadeiramente, meu inimigo mais querido. Os olhinhos ágeis, inquietos, se movendo sem parar de um lado para outro. Sempre curioso, perguntador, intrometido, famoso por sua xeretice. Ladino, não se deixava enganar nem por um segundo e, é claro, não confiava em mim, assim como eu não confiava nele. Notei que não via a hora de subir até o palco. Todo vaidoso em sua pose autoconfiante. Aguardando com expectativa triunfante a vez da filha ser chamada. Meu trunfo era que depois seria eu a receber das mãos dele o tubinho de papelão. Sabia que nem mesmo nesta hora conseguiria disfarçar o desprezo que sentia por mim. É claro que eu também não faria nenhum esforço para disfarçar o desprezo que sentia por ele. Estávamos quites. Beijou e abraçou a Loirinha com sobriedade e altivez e não escondia o amplo sorriso esmaltado que parecia excessivamente branco. Eu observava aquilo já com alguma impaciência. A fila de cumprimentos parecia não querer mais terminar. Fui, enfim, chamado. Subi rapidamente, desejando que aquilo terminasse o quanto antes. Nos encaramos e aquele sorriso de fórmica prontamente se desfez. Apertou minha mão com muita força, em atitude confiante e desafiadora, com o peito inclinado para a frente. Me olhava de modo incomum. Respondi no mesmo tom, em contra-ataque, sorrindo maliciosamente com o canto da boca. A contragosto consentia com meu casamento e não fazia questão de disfarçar seu descontentamento. Notei que havia ficado ligeiramente surpreso. Não esperava que fosse confrontá-lo. Em seus olhos de rapina havia um misto de desconfiança e perplexidade que demonstrava com afetada discrição. Deve ter pensado que minha atitude tinha sido

um atrevimento excessivo. Percebi que dele, de seu corpo, irradiava uma vibração estranha. Um contido sentimento de ultraje. Esperava ele de mim a mesma atitude dócil e subserviente que via em seus alunos, em meus colegas, em sua esposa e em sua filha. Num primeiro momento, não pude entender muito bem o porquê daquela reação. Afinal de contas, ele já me conhecia. Sabia exatamente de quem se tratava. Mas, para minha alegria, num lampejo, numa fração de segundo, compreendi a situação toda. E, mais importante ainda, percebi como tirar proveito dela. O que o sacana mais queria naquela hora era me ofender, lá do alto de sua autoridade de professor-doutor, para que me colocasse em meu devido lugar. Para que abrisse mão, de uma vez por todas, desse meu jeito insolente e cínico. É o que dizia de mim: cínico. *Cínico e prepotente, um temperamento terrível tem esse moço.* Isso antes da Loira. Depois, passou a agir com absoluta reserva. Não contava com a possibilidade de que fosse comer sua filhinha, como de fato comi. Tal qual num jogo de pôquer, não estava disposto a revelar nada. Qualquer insinuação, mesmo a mais sutil, poderia ser decisiva. E ali, naquele momento, diante do paraninfo e de outros honoráveis acadêmicos, sob o calor e o ofuscamento daquelas luzes, teve que se segurar, com muita dificuldade, mas teve que se segurar. E foi justamente aquela dificuldade que o traiu, já que não soube disfarçar sua irritação. Tivesse agido com naturalidade não teria oferecido, num exagero retórico, digamos assim, e não sem ironia, tão deliciosa oportunidade. Para minha satisfação, que eu mal podia controlar, e que a cada segundo que passava se tornava mais evidente em meu semissorriso, ali, ele, o todo-poderoso doutor, a eminência parda, viu-se impotente, refém das convenções que a solenidade nos impunha e que me serviam de salvaguarda. Sabia que ele jamais se submeteria a um escândalo. Não podia perder uma oportunidade daquelas. Fiz questão de prolongar indefinidamente nosso cumprimento. Apertei suas mãos vigorosamente entre as minhas e notei que tremia. Aquele homem

pedante com as mãos trêmulas! Não o deixaria escapar. Ah, não. Não é todo dia que se tem uma oportunidade dessas. Não o deixaria se soltar de jeito nenhum. Quando percebi que fazia movimentos bruscos e ao mesmo tempo discretos com as mãos e quadris, que queria se livrar de mim, foi aí que o apertei com mais força ainda. Com toda força de que era capaz. Olhava para ele fixamente. Meu sorriso agora era franco e aberto. Puxei o desgraçado para bem perto de mim, num abraço caloroso, e disse, ao pé do ouvido, lentamente, num sussurro inebriante, quase lascivo: jamais esquecerei. Em seguida, com seu rosto entre minhas mãos, profundamente agradecido, entre lágrimas, beijei suas bochechas repetidas vezes, dizendo em voz suficientemente alta, para que a Loira pudesse ouvir, que ele era como um pai para mim. *O senhor é como um pai para mim. Muito obrigado, muito obrigado. Que dia mais feliz. Jamais esquecerei. Que felicidade o senhor me dá.* Me olhava com uma indefinível expressão de espanto, tentando inutilmente esconder alguma coisa por trás daquela fuça, daquela careta prepotente e dissimulada, talvez nojo, talvez raiva. Ela me fitava com olhos marejados, cheios de ternura, verdadeiramente comovida. E já me imaginava fodendo a Loirinha, em pé, atrás daquelas malditas cortinas.

CAPÍTULO 10

Às vezes tenho a sensação de que a vida passou por mim sem que eu a tivesse visto, sem que eu a tivesse minimamente reconhecido. Agora mesmo, diante do espelho, é como se estivesse vendo um estranho, um desgraçado qualquer, um dos meus pacientes. Estou muito parecido com eles: mais uma cara arrasada, desfigurada, entre tantas outras, todas miseravelmente iguais, indistintas. Não consigo mais reconhecer meu rosto, de olheiras fundas, pálido, magro, a barba por fazer, a vesícula do herpes já bastante visível. Tenho a sensação de que a imagem não me pertence, não me diz respeito. Como se eu, a mim mesmo, fosse um estranho. Como se estivesse sendo visto de fora por uma segunda pessoa. Como se tudo tivesse parado. Como se a hora anterior fosse esta mesma hora agora, que se repete. Abro a torneira. Apoio as duas mãos na borda do tampão de mármore. Flexiono o tronco afundando os ombros e a cabeça quase dentro da pia. Deixo a água escorrer pelos cabelos, pelas orelhas, pelo pescoço e pela nuca. Sinto o frio revigorante descendo pela espinha, a pele se arrepiando e os poros se dilatando.

Vou ao sanitário e tranco a porta atrás de mim. Baixo as calças até a altura dos joelhos. Penso na Loira. Ela gostava de lugares com bastante gente, sobretudo dos hospitais. Puxava minha mão com força até as escadarias, ou até o almoxarifado. Éramos muito

íntimos, eu e a Loirinha. Tudo acontecia com naturalidade, quase como numa dança. Erguia a saia e, de costas para mim, empinava a bunda de um jeito que não vou esquecer tão cedo. Era mesmo uma vadia deliciosa, a Loirinha. Com apenas uma das mãos tirava a calcinha, com uma agilidade impressionante, como se já tivesse feito isso antes um milhão de vezes. Me alcançava para que eu a enfiasse em sua boca, à maneira de uma mordaça. O que eu mais queria, numa hora daquelas, era que alguém nos flagrasse naquela posição. Modéstia à parte, mandava muito bem e não ia me aborrecer nem um pouco se o papaizinho soubesse da novidade. Ia adorar que isso se transformasse num escândalo, coisa que, infelizmente, nunca aconteceu, apesar de treparmos com alguma recorrência pelos corredores das enfermarias. Nossa trepada nosocomial. Comia ela com muita força e, enquanto saboreava aquele seu quadril largo, indo e vindo, me imaginava espancando aquele rostinho lindo até sangrar, ou então estrangulando seu pescocinho com meu cinto até matá-la por asfixia. Na hora agá ela tirava rapidamente a calcinha molhada de saliva para que eu gozasse em sua boca. É preciso admitir que nosso casamento oferecia algumas pequenas compensações. Nesses dias trabalhava muito melhor e não parava de me vingar em pensamento lembrando que, apesar de tudo, ela gostava de engolir.

CAPÍTULO 11

Doutor, doutor. Alguém bate à porta e eu aqui trancado. Puxo as calças, sento no vaso e me limpo rapidamente com este maldito papel higiênico barato. Acendo um cigarro e abro a porta do *service room*, do *toilette*. Sinto uma vergonha danada por causa da presença do idiota do enfermeiro e, involuntariamente, baixo os olhos, me denunciando. Parece até que fui pego em flagrante por algum crime hediondo. Ele me observa com uma cara estranha, curiosa, zombeteira. Toca meu cotovelo, me conduzindo para fora do banheiro. Afasto sua mão com força. Que direito tem o infeliz de encostar em mim, com seus dedos sujos, me tratando como se eu fosse um deficiente? Não dou a mínima para esse cretino, para sua família, para os seus doentes. Não sou piedoso. Não quero fazer o bem. Por que não me deixa em paz? O que foi?, desembucha, digo, quase gritando. Para minha satisfação, o olhar de zombaria se desfez. *Doutor, o senhor havia pedido para avisar..., depois de uma hora, o paciente, o queimado..., o senhor queria ver o braço.* Eu não havia pedido nada. Ou havia? Não lembro. Que se foda. De qualquer modo, não posso esquecer que ainda sou o médico aqui desta espelunca. *Mas antes, do-doutor, chegou um outro caso, colocamos lá na sala de procedimentos.*

Um motoqueiro, trinta e seis anos, pardo, sexo masculino, tomou um chega pra lá de um ônibus. Sinais vitais estáveis, consciente,

nenhuma fratura aparente, mas fez dois cortes feios na perna esquerda. *Ele está muito tranquilo, doutor, conversando...* Conta a história enquanto nos dirigimos até a sala. Encontro o infeliz deitado na maca, sem as calças. Por algum motivo, repugnância talvez, não consigo olhar diretamente a cara do sujeito. E nem precisa, com esta perna. Dois não, três, três extensos e profundos cortes na pele, nos músculos, a fáscia aponeurótica visível, a tíbia visível. Carne exposta num açougue. Não deve mesmo ter fraturado, tem sorte o infeliz e, de qualquer modo, depois solicito um raio x. Lidocaína a dois por cento, com vasoconstritor. Ele está, de fato, muito tranquilo. Alguns pacientes ficam num estado de mutismo e incomunicabilidade logo após um acidente, numa espécie de transe, mas este é diferente. Não é que ele esteja ensimesmado, ou alheado, ele só está calmo, como se nada de muito importante tivesse acontecido. Estranho. Foda-se. A aplicação do anestésico é dolorida, tomara que doa mesmo. Desta vez ele se queixa, seu rosto contrai desfigurado, suas mãos agarram-se com força às hastes de metal de ambos os lados da maca, sua perna se movimenta abrupta, em arco-reflexo, fugindo do estímulo doloroso. É preciso que seja seguro, o filho da puta. Gislaine, ou Dislaine, aparece não sei de onde, tentando ajudar na tarefa, titubeante. *Segura firme, com força, não tem que ter medo, entendeu?* No esforço de conter o infeliz, nos adiantamos com o tronco um em direção ao outro. Aproveito para roçar acidentalmente em seus peitos. Ela faz que não percebe. Vadia. Nossos rostos por um instante ficam bem próximos. Sinto a respiração dela em meu pescoço. Vejo a penugem de sua nuca desvelada pelo cabelo amarrado em um coque protegido pela touca hospitalar, os fios secos, quase esturricados, pintados de loiro, com a base já desbotada pela cor natural. Vão ser muitos pontos, mais de trinta. Aproximo os planos musculares danificados com catgut. Mononylon número 3 para fechar a pele. Tenho certa dificuldade em manejar o porta-agulhas. Trêmulo, pra variar. É preciso perfurar um dos lados

do ferimento, soltar a agulha, capturá-la do outro lado, repetir a operação na borda oposta, puxar o fio até deixar um pedaço sobrando, pegá-lo então, enroscá-lo duas ou três vezes nele mesmo, prendê-lo a outra ponta. Corta. A enfermeira secciona o ponto bem rente ao tecido comprometido, bem rente à solução de continuidade, que agora vai se desfazendo à medida que as extremidades vão se aproximando, emitindo sons viscosos e cheiro de carne fresca. O procedimento vai se repetindo sucessivamente, sistematicamente, cada vez mais rápido. A cara de enfado da *vítima* provoca mais asco do que sua carne gosmenta. Parece até que não aconteceu nada demais com ele. Parece até que não tem muita importância ele ter sido quase morto, atropelado por um caminhão. Parece que tanto faz. Nem dor sente. Parece que a ele não faz muita diferença viver ou morrer. Quer dizer então que a dedicação com que eu e a vadia da Dislaine nos empenhamos não vale nada? Pouco importa se permanecer com a perna estropiada, arrebentada? De que ajuda é que precisa? Deus do céu, alguém me diga, o que faço com este desgraçado? Não há como não conspurcar meu juramento. Devia querer que os médicos se envolvessem com seu tratamento irrestritamente, sem reservas, sem economia de esforços. Mas não é o que parece, a ele, a esta criatura aqui à minha frente, pouco se importa. O que faz é uma espécie de afronta. Uma afronta a mim, à minha profissão. Me desdenha justamente aqui, neste hospital, nesta emergência, neste hospício. Um problema de saúde é, ou deveria ser, uma questão de vida ou morte. No entanto, em sua atitude, o que se vê é um tipo de indiferença chapada. Seus olhos parecem perdidos em um desvario absorto, como que olhando para lugar nenhum. Queixa-se do motorista do ônibus, que não o viu, que o derrubou da moto, que atentou contra sua vida, como quem se queixa do calor ou do preço do combustível numa conversa em frente à padaria ou ao botequim. Transforma seu acidente no mais corriqueiro dos fatos, sem importância alguma, e que não vale nem mesmo o tempo que vem

gastando. Quer ir embora, está com pressa, impaciente, pergunta se ainda vai demorar muito. É como se ele dissesse: *já entendi, já entendi o que acontece comigo, é tudo igual, não é nada diferente do que acontece com todos os outros que vêm aqui, sou só mais um, um entre tantos, um elo qualquer, mais um, de uma enorme e frágil corrente, e que precisa, por alguma razão obscura, ser movimentada com muita velocidade, não importa qual ou quais elos possam se romper, o que importa é que estamos todos aqui, e que resolvamos nosso probleminha da maneira mais objetiva e prática possível, é isso, é assim, as coisas são assim, não são?, se eu morrer ou não pouco importa, não é assim?, desde que você, doutor, se proteja de qualquer complicação, não é isso que chamam de profissionalismo, de ciência, de ética médica?, não se faça de rogado, doutor, você sabe bem, assim como eu, que minha vida só tem alguma importância se houver a ameaça de vossa senhoria ter que responder a um processo judicial movido por um miserável como eu, um pobretão, um tigrão, um pé-de-chinelo, causando um prejuízo imenso à sua reputação, ou ao hospital, ou então, quando um caso como o meu tem alguma serventia para você obter algum prestígio em seus colóquios, em seus simpósios, em suas férias fora de época, em hotéis caros, patrocinados por laboratórios milionários, vendendo suas drogas indispensáveis, há alguma esperança de justiça nisto tudo, doutor?, a cada um cabe um lugar neste imenso aparato chamado hospital, chamado saúde pública, eu tenho o meu, você tem o seu, e é assim que as coisas são, faça o que quiser doutor, minha esperança já foi dinamitada há muito tempo, sei de tudo, de algum modo, sei de tudo.*

CAPÍTULO 12

Termino de costurar a criatura em tempo recorde, uma façanha, deviam ter cronometrado. Vai ser preciso fazer soro antitetânico, por causa das ferragens do tal ônibus, sabe-se lá. E ainda prescrever um antibiótico profilático, para evitar que infeccione. Anti-inflamatório também. Tudo pago pelo governo, é claro, o tigrão não tem dinheiro nenhum. Vai alegar acidente de trajeto, ou acidente de trabalho, vai haver abertura de CAT, espécie 91, estabilidade por um ano. Não consigo olhar o infeliz. Entrego a receita, o boletim de atendimento e tchau, azar o seu, longe daqui, não incomode mais. Vou rápido à sala de observação para ver o queimado e a perna estropiada. A queimadura pode provocar edema subcutâneo. O edema, por sua vez, pode comprimir as lojas musculares fazendo com que o aporte sanguíneo fique prejudicado. É o que se chama síndrome compartimental, que a idosa da enfermeira fez a gentileza de não esquecer, há uma hora atrás. Isto significa que os tecidos não recebem mais oxigênio e começam a morrer. As células musculares mortas, por sua vez, soltam substâncias proteicas na circulação, rabdomiólise, o que acaba danificando o funcionamento dos rins. A criatura que já está desidratada pode morrer por insuficiência renal aguda a qualquer instante, se eu não agir antes. Neste caso, se a hipótese diagnóstica for confirmada, terei de fazer um corte na área comprometida, para

aliviar a pressão, um corte na fáscia muscular, uma fasciotomia. Se não for assim, na melhor das hipóteses, em algumas horas, o membro inteiro pode necrosar e ter que ser amputado. Nunca fiz uma dessas e o risco não é pequeno, nunca é. E se houver alguma complicação? Neste caso, posso ser processado por imperícia médica ou, se não fizer a cirurgia, por negligência. Se pelo menos houvesse um cirurgião vascular aqui neste hospital! Não tem nada aqui, nada do que deveria ter, grande novidade, todos sabem muito bem o que esperar do SUS. E, de qualquer modo, a corda sempre arrebenta para o lado dos médicos. Mas o problema não é este, o problema é que me importo demais com as pessoas aqui dentro. A verdade é que não consigo atinar com saídas escorregadias, mesmo quando percebo que pode ser melhor para mim. Sou um sentimental, um idealista, amo a profissão, embora não pareça. E a consequência prática e direta deste meu senso ético heroico, valoroso, admirável até, é que deixo sempre o meu na reta. Sou um suicida, adoro correr riscos, adoro perder. E, falando em suicida, lembrei da outra que deixei na sala de observação, nem morrer consegue. Conhecimentos básicos de medicina são mesmo muito úteis. Desesperados ignorantes sofrem mais. Entro na sala de observação e, quase num susto, topo com a enfermeira-chefe e sua careta estilizada, sempre torcendo o nariz. Me encara muito séria por trás de uns óculos felinos inexplicáveis, quase extravagantes. Debruçada sobre o leito do paciente, de prancheta e caneta nas mãos, toma notas num ritmo quase frenético. Seu rosto é repleto de rugas, parece uma casca de laranja vista numa lente de aumento. A pálpebra superior, muito flácida, se projeta por sobre os cílios e os olhos quase desaparecem. A inferior, de tão caída, faz com que ela fique igual a um cachorro são-bernardo, se eles fossem rabugentos. E a conjuntiva, toda vermelha e lacrimosa, parece estar sempre ardendo e precisando de colírio. *O que foi que a senhora diagnosticou agora, chefinha?*, pergunto. Ela responde num tom muito severo, formal, transformando a resposta numa quase exigência: *por onde o senhor andou?, estava com dor de*

barriga? Debochada, a velha. Corto a conversa fiada, vou logo ao que interessa. *Como estão nossos amiguinhos? Do mesmo jeito de antes?* Ela mantém silêncio, inflexível, disposta a não colaborar. Faz questão de demonstrar que minha presença não é bem-vinda. Os queridos colegas devem ter soltado o verbo por aqui e, certamente, já estão sabendo que não sou nenhum exemplo edificante para as nossas criancinhas. Examino o paciente, o queimado. As sobrancelhas e os cílios estão chamuscados. As pálpebras, dos dois lados, bastante inchadas. Deve mesmo ter feito lesão inalatória. O ideal seria que fosse transferido a um centro de queimados, se houvesse um. Tiro o lençol que o estava cobrindo. Inspeciono com atenção os membros superiores. Palpo as extremidades sempre comparando a tensão compartimental do lado afetado com a do lado íntegro. O direito está azulado, sensivelmente mais frio que o contralateral, e mais edemaciado também. Com os dedos médio e indicador tento localizar o pulso radial, demoradamente. Não consigo. Todos os sinais de compressão vascular estão presentes. Não sem hesitação, comunico a vovozinha que vou precisar do bloco, que o paciente vai ter que ser transportado, que vai ser operado. Ela me olha em silêncio, por alguns instantes, quase estática, emburrada, visivelmente contrariada. Deve estar pensando no que vai dizer. Talvez esteja procurando alguma desculpa para não precisar atender minha solicitação. Mas não há jeito, ambos sabemos que não há jeito. A cirurgia é mesmo urgente e não há outro médico para operá-lo, a não ser eu, ha-ha. Tenho uma vontade súbita de sorrir, triunfante, escarnecedor, como se tivesse lembrado de alguma piada engraçada, o que a deixa mais emburrada ainda. Franze a testa de um jeito incomum e responde num tom entrecortado, contido, meio raivoso: *é, é o único doutor que temos por aqui.* Fico prontamente sério, contendo meu sorrisinho involuntário, como que pedindo desculpas, tentando inutilmente amenizar a hostilidade que forçosamente se interpõe entre nós. Faço um esforço e respondo em um tom mais amistoso: *obrigado.* Tenho medo dela. Medo porque sei que ela, ou

alguma delas, é capaz de flagrar um erro meu a qualquer instante. Aliás, ficam torcendo para que eu cometa algum deslize, claro, assim se veriam livres de mim. E não sei por que diabos não quero, ou não consigo, conquistar a confiança dessas criaturas. Me arruíno sozinho, já disse, sou um perdedor. Ela sai rapidamente da sala, meio afrontada, e me deixa com os dois. A outra, a pacientinha, a que se entupiu de remédios, está inconsciente ainda. Logo, logo, vai para a enfermaria. Examino-a com mais calma agora. Pele e esclerótica amareladas, fígado aumentado de tamanho, desidratada, desnutrida. Vai ter que fazer os marcadores virais para hepatites, HIV etc. Pode ser que seja alcoolista e, a julgar pelo estado em que chegou aqui, até usuária de alguma droga mais pesada, crack, oxi, ou outra porcaria qualquer. Pobre, claro. Foi trazida ao hospital porque quis morrer e, no entanto, lutamos para mantê-la viva. Vai ficar uns dias na enfermaria e depois, se tiver sorte, a colocam na psiquiatria. Pode ser também que frequente algum desses grupos em que as pessoas se amparam tristemente umas nas outras, os alcoólicos anônimos, os narcóticos anônimos. Talvez se converta a alguma religião. O mais provável, porém, é que lá fora não aguente sem bebida. E os dados revelam, em estudos caso-controle, em uma amostra válida da população, e é impressionante a quantidade de estudos desse tipo, os dados demonstram que é irrisória, ínfima até, a porcentagem de casos de alcoolismo que de fato abandonam a bebida. Nas mãos dos médicos, a desesperança vira estatística.

CAPÍTULO 13

No prontuário dela, colocado em uma caixa ao pé do leito, vejo que a enfermeira fez uma observação. Colheu a história pregressa com a mãe, aquela mesma que estava lá no momento em que a criatura chegou trazida pela maca. Fico lembrando daquelas panturrilhas imensas cheias de varizes, do jeito de caminhar que mais parecia um ganso ou uma mulher grávida. Sacolejante, pobre, histérica, aflita, ofegante e, o pior de tudo, gorda. Me incomoda gente gorda. Enfim, a filhota, esta mesma, já esteve internada na psiquiatria antes: bingo. De qualquer jeito, aqui dentro estando, são todos loucos. O detalhe é que esta havia sido recolhida pela ambulância. Deve ter ficado atirada na rua, por vários dias, até que algum pedestre, até que alguma pessoa bondosa, resolveu se interessar por aquele trapo atirado ali, aquele saco de lixo. É incrível que existam pessoas assim. Eu mesmo não ajudaria. Não ia querer mais problemas além daqueles que já tenho. Somos mesmo muito solidários, não somos? Nos escondemos em frente ao televisor, nos esparramamos confortavelmente em largas poltronas reclináveis, nos empanturramos de produtos ecologicamente corretos, ingerimos nossas bebidinhas livres de calorias, colecionamos suvenires comprados em passeios turísticos no exterior, fechamos as torneiras e desligamos as luzes. E assim, vamos fomentando nossa farsa cotidiana, fingindo acreditar

que fazemos nossa parte. Enquanto isso, lá fora, o mundo desaba. Mas, o que se há de fazer? Eu tenho medo. Ninguém sabe do que um louco desses, um louco de verdade, é capaz. Não assim como eu, digo, louco de hospício, desses de ficar na rua, ninguém sabe do que um louco é capaz. Bem, como ia dizendo, alguma alma caridosa deve ter... Ou não foi nada disso, talvez o dono do estabelecimento comercial da calçada em frente tenha chamado os bombeiros por causa do mau cheiro que espantava os clientes. Esta última hipótese parece bem mais provável, aliás. É muita ingenuidade acreditar que existam mesmo as tais almas bondosas, ou caridosas. Mas não vem ao caso. O fato é que ela foi recolhida e acabou na psiquiatria, que era mesmo seu lugar, que é o lugar de pessoas com as quais não sabemos o que fazer. Despejo de gente, gente pobre, evidentemente. Na psiquiatria eles tomam banho e ficam mais calmos e, assim, conseguimos nos apiedar deles. O mau cheiro dificulta as coisas e, além do mais, é bem mais fácil se acreditamos que gente pobre vive delirando. Por mais perverso, insensível e obtuso que isso possa parecer, é preciso admitir que simplifica tudo. Para resumir, loucos e pobres deliram, e ponto. A maioria acaba voltando para a rua e, se não morrem, voltam para cá, até que um dia morrem de vez. Olhando para ela aqui, indeciso, meio abestalhado, paralisado, sei lá, tenho vontade de sair correndo. Mas não consigo.

Um estranho fascínio me mantém preso a ela. O mesmo fascínio que me mantinha preso aos doentes da UTI, os pacientes ditos terminais, os quase mortos. Eram os mais interessantes. Será que se encontravam num estado semelhante ao de um sonho? Ou será que não tinham a menor percepção de nada? Apavora a ideia de estar preso no próprio corpo, de perceber as coisas ao redor, ver e ouvir, mas não poder fazer nada. Sonhava com isso, sonhava que seria incapaz de pedir ajuda. Sonhava que, por mais esforços que fizesse, não conseguiria falar coisa alguma, sem voz. Ou que, da garganta, fosse se desprender apenas um som roufenho, débil, semelhante ao grasnar de

um filhote caído do ninho, preso a uma malha de fios invisíveis, insuportavelmente imóvel. Sonhava que despertava deste sonho, que tinha feito um esforço enorme para poder despertar, com receio de não conseguir mais despertar, nunca mais, e então percebia, com horror, que estava sonhando. E, ao despertar de fato, ficava com a sensação de que continuava dormindo, de que a realidade não era a realidade, mas apenas e ainda um sonho. Um sonho ruim.

CAPÍTULO 14

Me dirijo até o bloco cirúrgico pensando no que, exatamente, vou fazer por lá. Será que a chefinha já tomou as providências necessárias para a cirurgia? Preciso verificar. O coitado e seu antebraço torrado já devem estar a caminho e tenho que assumir a bronca. Talvez pudesse deixar desse jeito. Talvez pudesse, simplesmente, me fazer de sonso. Queria mesmo era tomar uma conduta conservadora e passar adiante. O colega do próximo plantão que assuma os riscos, que se vire. Depois, posso alegar, em prontuário, boas razões clínicas para adiar a cirurgia. O problema é que, se faço isso, deixo passar o tempo ótimo para a intervenção, aí já era. Ou seja, se não opero, me ralo e, se opero, me ralo também. Sim, porque não é nada difícil imaginar a coisa toda dando errado. Uma lesão muscular no transoperatório, a infecção da ferida, a criatura evoluindo com choque séptico, insuficiência renal, sei lá. E o que resta, como consolação, é ter que pagar, por anos a fio, uma gorda indenização para a família da *vítima*. Odeio vítimas. Noutras palavras, preciso dar o máximo do meu empenho por um infeliz que, a bem da verdade, quero mais é que se foda. Que se foda essa gente, que chega não sei de onde, trazendo problemas com os quais não quero nenhum envolvimento, vindos não sei de que buraco. Que se foda esse empregador, que coloca o mulambento a trabalhar sem proteção adequada, sem um salário que preste, carne feita para bater, para gastar. E pensar que, no montante

do quadro de funcionários desse babaca, o dono, o patrão, um processo judicial movido por um operário, mais um, não vai fazer tanta diferença assim. Que se foda. E que se fodam os advogados, que vão dar entrada na vara trabalhista, lá com seus papéis, com seus recursos, com suas falas melífluas, escorregando cínicos pelas brechas da lei, como lagartixa no limo. Que se fodam, que se fodam.

No bloco, dou de cara com o anestesista, sentado num canto da sala, as pernocas cruzadas. Folheia, calmamente, uma revista com fotografias de gente famosa. As mãos de dedos grossos e nodosos. A pele manchada e cheia de rugas. Vou me aproximando e noto que exala um cheiro azedo. Ostenta um enorme relógio, em seu punho esquálido. Me observa, em silêncio, com uma cara interrogativa. Aperta os olhos, ajustando o foco, por trás de umas lentes grossas e antiquadas. Um tique nervoso com as sobrancelhas. Não atina imediatamente com a ideia de que eu seja o médico e não se cansa de me inspecionar. Deve haver uns trinta anos de diferença entre nós. Olho para ele, caquético, carcomido, e é como se topasse com meu próprio futuro. Me apresento e estendo a mão para cumprimentá-lo. Estou trêmulo e o velho percebe. Mas o que há comigo? Este não é um procedimento assim tão complicado. O problema é que estou meio destreinado. Mas não há nada não. Sei que estou bem. Sei que ainda estou com a mão boa. Já fiz isso uma dezena de vezes. Quer dizer, a fasciotomia, especificamente, ainda não, mas já fiz coisas muito mais difíceis. Não há com o que me preocupar. Ele desata a fazer comentários prosaicos, num tom falsamente paternal, falando prudente sobre o calor, sobre o estado precário do SUS, do hospital sucateado, da carência de pessoal qualificado, de infraestrutura etc. Sua voz é débil e, ao mesmo tempo, esganiçada. Parece que foi submetido a uma cirurgia na laringe, nas pregas vocais. E, ainda por cima, não para de falar. Enquanto tagarela, penso que encobre alguma outra intenção. Deve estar desconfiado. Deve estar querendo me testar, indiretamente. Cruzo os braços, para disfarçar o tremor, e aguardo para ver no que vai dar.

Não sou incompetente, mas ajo como se fosse. É difícil o diagnóstico de síndrome compartimental em pacientes inconscientes. A avaliação clínica fica prejudicada e, aqui dentro, sequer disponho de todos os exames complementares. Tensão no segmento afetado, edema intenso, endurecimento, empastamento, ausência de pulso. De qualquer modo, na dúvida, o recomendável é que se realize o procedimento cirúrgico o quanto antes, para prevenir lesões de isquemia e reperfusão. Fasciotomia aberta descompressiva, ampla e *precoce*, para salvar o membro. É isso mesmo. É o que devo fazer. O compartimento anterior palmar é o afetado. A criatura sofreu uma queimadura circunferencial no compartimento anterior palmar. Estou achando improvável que sobreviva, fosse só o antebraço, não seria nada. De qualquer modo, tenho que fazer uma incisão longitudinal, cutânea, em S, começando no terço distal, desde a eminência tenar, prolongando-se até a fossa cubital, com abertura completa da fáscia e do túnel do carpo. Não posso esquecer de nada, reviso todos os detalhes. O essencial são os detalhes.

O velhote, enfim, revela o que de fato queria saber. Não é maldoso o sujeito. As pessoas, no fundo, querem ser boas, mas nem sempre conseguem, as dificuldades são muitas. Depois de tudo, não é nem um pouco fácil continuar sendo bom. Depois de perder a fé no futuro, depois da desilusão, você ter que continuar sendo bom! É muito difícil ser reto, probo, essas coisas todas. Sou fraco. Instável demais. Volúvel demais etc. etc. Voltando ao velhote, como ia dizendo, não é maldoso o sujeito. Devia estar maquinando um jeito de me interrogar sem parecer ameaçador ou indelicado. Age como se quisesse me proteger de mim mesmo. E talvez seja exatamente disso que eu esteja precisando. *O senhor conhece os procedimentos aqui do hospital?* É o que pergunta, astuto, esfregando as mãos uma na outra, de um modo hesitante mas diligente, me encarando em inspeção minuciosa, insistindo naquele trejeito estranho com as sobrancelhas. *Do que o senhor está falando?* Gaguejo,

num tom seco, pálido, precipitado, grosseiro. Muito sutilmente, deixa entrever um sorrisinho de deboche. Num tom didático, ao mesmo tempo delicado e mordaz, unindo o indicador ao polegar, num gesto de controlado comedimento, responde que o paciente vai ainda demorar alguns minutos, mas que eu fique tranquilo, que vá até a salinha de descanso médico tomar um cafezinho, quando chegar a hora manda a enfermeira chamar. Não sei se insulto ou se agradeço o filho da puta. Já deve saber de quem se trata. Já devem tê-lo informado a meu respeito. Esboço uma cara titubeante e meio indefinida de descontentamento que o velho ignora completamente, como se não tivesse visto. Continua me encarando, imóvel, me expulsando com o olhar. Dou as costas e me afasto, em silêncio. Me sinto ridículo. Fazer o quê? Não estou em posição de exercer meus direitos de dignidade. Estou, aliás, na mesma posição de sempre, remexendo incertezas, acossado, refugiado neste quadrado patético, aguardando minha vez, soçobrando em mais uma de minhas empresas destinadas por antecedência ao mau êxito. Reparo na escala do centro cirúrgico, afixada no mural de cortiça e alfinetes coloridos. Meu nome já está ali, numa caligrafia impecável. Posso até imaginar a chefinha, com aqueles óculos, os lábios apertados, escrevendo com raiva contida. É tudo organizado em pequenos quadrados, formando linhas e colunas, contendo o horário e uma descrição sucinta do procedimento. Por exemplo, *8h, colecistec. video*, ou, *10h, hérnia ing.*, e *11h, curetagem*. O meu é mais embaixo e, no lugar do horário, aparece, em maiúsculas, URGENTE e, na coluna ao lado, FASCIOT. É como se estivessem gritando comigo. Fico imaginando que essa coisa toda podia acabar de uma vez, mas minha maldição não vinga. Nasço e morro para ela em sucessão descontínua. Descontínua, mas constante. E cheia de imprecações que não alcançam nunca seus destinatários. Melhor eu ficar tranquilo. Está mesmo em boa hora para um pequeno descanso e vou aproveitar. Tenho alguns minutos ainda antes da cirurgia.

CAPÍTULO 15

O herpes volta a incomodar. Com a ajuda da língua e da ponta dos dedos fico vasculhando a pequena lesão, roçando dolorosamente sua superfície. Tenho a impressão de que duas outras vesículas surgiram. Logo, logo elas vão coalescer e formar uma bolha. Penso no quanto estou amargurado e exausto. Não quero odiar este velho, no lugar dele eu teria feito o mesmo, mas é inevitável. Assim como não quero odiar a Loirinha, e nem o cretino do seu pai. Mas velhos hábitos são difíceis de abandonar. Ela devia saber que sou um tremendo rancoroso. E, justamente por causa disso, não consigo, nem nunca vou conseguir, abrir mão da necessidade de lhes cobrar o que é meu de direito. E de lhes cobrar também o que *não* é meu de direito. Achei que neles encontraria um esteio para minha loucura. Queria ser como eles. Queria ser o filho. Afinal, não há mais lugar algum neste mundo puto que me valha uma única pessoa. Nem eles me valeram. Queria uma outra família para poder nela acolher a dor do meu desamparo, violentar o amor de pai e mãe, saciar minha necessidade de vingança. Eles não são capazes de entender isso, nunca foram. Não sabem do frenesi que toma conta de quem se debate pela sobrevivência. Não têm ideia do que significa levar a vida à miúdo, no apego pelas pequenas sobras de fim de mês. Não sabem contar migalhas, nunca precisaram. Acabei aprendendo a ser mau e

avarento, a vida ensina. Acabei arrebentando tudo na tentativa desesperada de me livrar desse ódio que me consome, não pude evitar. A culpa é minha, eu sei. No dia em que ela foi embora pude, enfim, compreender que a culpa tinha sido mesmo minha. Podia ter feito diferente, mas insisti teimosamente em acreditar que cabia a ela ter feito algo diferente. E talvez tenha feito o que fiz justamente porque *queria* que tivesse sido diferente. Ela estava sempre perdida em suas mirabolantes fantasias de sucesso e de não sei mais o quê. Não tinha olhos para o mais banal, a babaca. O que fiz, devo ter feito para me vingar da truculência dela, da truculência de todos eles, da truculência do mundo em que vivem.

Na véspera do dia em que ela foi embora a encontrei deitada em nossa cama. Não havia nada além de um encontro incidental, a sorte de uma doçura imprevista. Do fundo de uma inconsciência desesperada, sinalizando a mim mesmo uma necessidade resguardada e escondida em minha brutalidade, ousei roçar o dorso da minha mão na dela, carinhosamente. E estava trêmulo, por mais tolo que isso possa parecer. Talvez tenha sido um gesto involuntário, sem significado algum. Ou, talvez, quisesse dizer algo a ela, à Loirinha. Não sei, não sei o que eu queria com aquilo e, de qualquer modo, não gosto dessa bobagem, desse negócio de ficar tentando encontrar sentidos ocultos em coisas insignificantes. E é bem provável que ela não tenha percebido nada, estava dormindo, ou, se estivesse acordada, fingiu que estava dormindo. Não posso esquecer que estava lidando com uma piranha. O sono ou a distração dela devem ter sido pura astúcia. E, pensando bem, ela não tinha nada que perdoar. Ela sempre foi uma vaca, mas é preciso admitir que, comigo, nunca foi injusta. Do dia seguinte, lembro do rastro de roupas jogadas no corredor. Das portas do armário escancaradas. Das gavetas abertas esvaziadas. Das fotos esparramadas pelo chão. E, o mais estranho, da cama, que havia sido desfeita. A mesma cama onde saciávamos nossa raiva, nossa gana de agredirmos um ao outro.

É claro que não fiquei surpreso. Era como se eu já estivesse esperando por isso. Eu sabia muito bem que havia quebrado nosso pacto e ela tinha que dar prosseguimento à sequência dos fatos naturalmente concebidos para um casamento infeliz. Era como se ela estivesse utilizando o protocolo de algum algoritmo ACLS. Nessa situação, o fluxo determina que deveria fazer o papel de vítima, que aliás, lhe cabia muito bem. Parentes e amigos se prontificariam diligentes na difícil tarefa de consolar, profunda e sinceramente comovidos. Um bom analista e, alguns meses depois, já estaria pronta para casar novamente, com alguém de posição melhor que a minha, obviamente. Posso até imaginar meus queridos sogros amparando a filha, sonhando com um endocrinologista ou um dermatologista de renome, aliviados, e não um medicozinho fracassado e melancólico fazendo bico em PS de SUS. Um pouco tristes, devem ter mantido a compostura nessa hora tão difícil, elegantes que são, inflados por essa estranha satisfação que nos acomete a todos diante da desgraça dos outros. Lamento muito, lamento, porque as coisas com a Loirinha não precisavam ter sido assim. Mas agora chega, chega de me queixar, que a queixa é, afinal, um grande luxo.

CAPÍTULO 16

Faço as vezes de plantonista do pronto-socorro, de cirurgião, de tudo um pouco, aqui dentro. O número de médicos interessados em atender pelo SUS não é lá muito grande e a gente pobre fica assim, assistida por pouquíssimos médicos, muitos deles mal preparados, inexperientes, incapazes mesmo. Aqueles que não conseguiram, por um motivo qualquer, trabalho em nenhum outro lugar, acabam, claro, parando aqui, é o que sobra. Prometeram melhorias no hospital, não cumpriram. Prometeram pagar nossos vencimentos em dia, não cumpriram. Prometeram a contratação de mais pessoal, não cumpriram. Para variar, não fizeram nada. Quer dizer, não é que não tenham feito nada, estava sendo injusto, coisas muito importantes foram feitas. Por exemplo, semestre passado, demitiram boa parte dos funcionários, quase a metade. E a escolha foi criteriosa, só foram mandados para a rua os mais experientes e os mais qualificados, os outros ficaram. No seu lugar, colocaram pessoal menos experiente e menos qualificado, mas que topa um salário ainda menor, se é que isso é possível. Aí arranjam dois empregos e trabalham em até três turnos, o que, diga-se de passagem, tem repercussões bastante previsíveis na qualidade do atendimento. A Dislaine, ou Gislaine, é uma dessas. Os tais bajuladores do sistema, meu querido sogro, por exemplo, são craques nesse tipo de prática, melhor não comentar. E

passam a vida se dedicando, caras como ele, a complicadíssimas teses de doutorado, muito preocupados que estão em rever protocolos já revistos, ou coisas do gênero, discutindo o sexo dos anjos. Loucos para figurar entre os doutores mais citados qualis A, pelo bem da ciência e da medicina, todos extremamente interessados no futuro da humanidade, os filhos da puta. Assim como eu. E, apesar de tudo, canalhas desse tipo, como eles, como eu, adoram salvar vidas.

Talvez eu ainda consiga salvar alguma esta noite, se tiver sorte. Talvez não devesse contar com a sorte. Não há mais tempo para divagações. O bloco cirúrgico está sendo preparado e o paciente já foi posicionado. Os panos de campo, uma vez em seu lugar, não podem mais ser movidos. A única exceção é nas bordas da fenestre, estas sim, podem ser afastadas do local da incisão. Os campos cirúrgicos grandes, como os que estão sendo utilizados, devem ser postos dobrados sobre a área a ser operada, no caso, o antebraço da criatura. A partir daí, são desdobrados de maneira a cobrir tudo, o paciente e a mesa. As pinças de Backhaus, utilizadas para manter os panos no lugar certo, uma vez aplicadas, não podem mais ser removidas. O cuidado com a assepsia do procedimento é a grande preocupação. Tua mão seja de manhã com água fresca lavada, eis a máxima. No preparo das mãos e antebraços o médico deve remover relógio, pulseiras e anéis, inclusive a aliança. Recomenda-se o emprego de escovas apropriadas, com cerdas macias, descartáveis ou convenientemente esterilizadas. A sequência da lavagem deve ser rigorosamente seguida, com movimentos de fricção pelas diferentes faces das mãos, espaços interdigitais, articulações, extremidades dos dedos e antebraços. Até aqui, exceto pelo fato de não conseguir conter o tremor, tudo bem. Mantenho os braços fletidos e voltados para cima, secando a seguir em sentido proximal. Para vestir o capote, pego-o levantado e desdobrado, longe do corpo, para não contaminar. Sacudo com cuidado, sem tocar em nada, para poder colocar os braços nas mangas pelo lado de dentro, somente pelo lado de dentro. Peço ajuda do velhote para

amarrar o avental, ele toca somente nas tiras. A Gislaine, que já está paramentada, muito atraente aliás, pega minha luva direita e insere ambas as mãos debaixo do punho, que devem estar com as palmas viradas em direção a pessoa que a está calçando. Ela está fazendo tudo corretamente. Quando não estou com raiva as pessoas parecem menos estúpidas. Insiro minha mão, tomando o cuidado de não tocar nas dela, o resto faço sozinho. Tento ficar tranquilo ou, pelo menos, parecer tranquilo. É fundamental que o cirurgião demonstre segurança. Sou eu o responsável pela vida do paciente e sou eu que tenho sob minha tutela o ato cirúrgico e toda a equipe cirúrgica. Tem um lugar aqui destinado a mim e é preciso que eu exerça minha função. Nem dá tempo de ser inseguro. As consequências do que acontece ou do que deixa de acontecer durante o ato cirúrgico só vão poder ser avaliadas depois. O instrumentador deve manter os metais limpos de sangue e de outros fluidos corporais, ordenar o material na mesa cirúrgica, antecipar meus movimentos alcançando o instrumental sem precisar de solicitação, separar o que foi contaminado, preparar as suturas e fazer a limpeza após a operação. O assistente é responsável pela ajuda direta a mim e deve ter um grande conhecimento da cirurgia a ser executada, além de ser capaz, também, de antecipar os tempos intraoperatórios e substituir o cirurgião em seus impedimentos. Aqui, agora, só existe uma pessoa para fazer as vezes de instrumentador e assistente. Apresento-lhes Dislaine, ou Gislaine.

Se alguma coisa não funcionar, a culpa vai ser naturalmente minha. Se for um sucesso, oremos todos em nome do senhor-deus-pai-todo-poderoso. Salvando a vida deste desgraçado não faço mais que minha obrigação. E o mais divertido é que não vou ganhar nada por isso. Nem um centavo. Recebo o que vale o plantão, independente do que venha a acontecer. Afinal, como já disse, sou um perdedor, tenho um fraco pelas pessoas, sinto compaixão por elas etc. etc. Levo muito a sério o ditado que diz que a medicina é um sacerdócio. Tenho um certo prazer em saber que, por mais que

escarafunche nas feridas desse infeliz, é em minha carne que o bisturi atravessa, é nela que ficam registrados, indelevelmente, no frenesi dos meus músculos e das minhas vísceras, no meu sangue, na minha pele, nos meus ossos, é em mim que ficam cravados todos os sinais da fúria dos homens, como numa embarcação destroçada pela passagem do maremoto. E a cada minuto que passa, a cada paciente que atendo, como este aqui, a cada criatura que vejo neste hospital, tão ou mais frágil, ou mais miserável, ou mais mortal que eu, mais percebo que estamos todos incumbidos, por um estranho desígnio, a nos mantermos presos ao fio do absurdo, a isso que chamamos vagamente de vida, a vida, e só o que conseguimos, neste nosso percurso fatídico, é aprender a morrer. Aprendemos a morrer um pouco por dia e, no final, cada um tem a morte que merece. E, ainda assim, não ajudamos uns aos outros. Eu, o velho desconfiado aqui ao meu lado, a Gislaine, o torrado, quase morto, que sem saber entrega sua vida em minhas mãos, todos nós, tentamos renegar a percepção mais acesa, mais candente. E por quê? Talvez porque acreditemos que somos livres e independentes, muito embora não exista nada que possa nos afastar da nossa verdade comum. Alimentamos uma pobre farsa, no dia a dia, no horror da rotina, nas pequenas e grandes dores que a vida nos inflige, no despertador que toca, no bocejo de bom dia, na cara desanimada que vemos diante do espelho, na graça desengonçada das nossas pernas frágeis que milagrosamente se sustentam (incrível pensar que, apesar de tudo, nos equilibramos em nossas próprias pernas). Somos cúmplices, criminosos, culpados, somos todos culpados. Ou talvez desesperados. Talvez não passemos de pequenos animais assustados, esperando o fim inevitável desse imenso absurdo.

CAPÍTULO 17

O velho ressequido aqui ao meu lado, o anestesista, de repente, começa a tagarelar. Fico mais tranquilo. Deve estar se sentindo à vontade comigo ou, vai ver, faz isso apenas por força do hábito. De qualquer modo, o que temos agora é um ambiente ordinário de trabalho e as coisas finalmente começam a acontecer como devem acontecer, como costumam acontecer. Minutos antes da cirurgia, torcemos sempre para que tudo transcorra dentro da normalidade. Qualquer imprevisto pode ser prenúncio de uma fatalidade. E um caso grave nunca vem desacompanhado. Nessas horas, as piadas de mau gosto costumam soar tranquilizadoras. O velho não é exceção e também gosta de piadinhas vulgares. Trabalha bem ele. Nesse caso, porém, não vai ter muito o que fazer, a criatura já está mesmo apagada. E se alguma coisa não funciona, se o desgraçado aqui morre, coisa bastante provável, é na minha mão que morre, não na dele. Ele, muito tranquilamente, vai dizer que fez a sua parte, e é possível ainda que me ironize, mencionando, sabiamente, que eu deveria ter pensado melhor antes de escolher minha especialidade. No meu caso, não sei se foi bem uma escolha, as coisas simplesmente foram acontecendo. Fui aproveitando as oportunidades que surgiram e, importante dizer, desde cedo aprendi a produzi-las, as oportunidades, mesmo que de um modo involuntário. Isso porque

tenho um antigo hábito, e de antigos hábitos a gente dificilmente se livra, de fazer com que as pessoas se apiedem de mim, que tenham pena de mim. De quando em quando, menciono, rapidamente, que meu pai está incapacitado, que minha mãe está morta, deixando transparecer que sou um tremendo ralado. Faço uso, na hora certa e com muita eficiência, desse artifício (a vitimização é um artifício muito sedutor), e usufruo, oportunista, de algumas facilidades que pingam aqui e ali. Caras como eu não podem nunca desperdiçar boas chances, em especial essas, cavadas com a mão, através do cinismo e da afetação, que são as mais improváveis. Caras como eu, que não têm ninguém no mundo, não podem se dar o luxo de estar desatentos, de cometer erros, devem agarrá-las, as boas oportunidades, como um esfomeado quando vê comida. E, além do mais, por algum motivo, sempre gostei de me entregar a pensamentos autodepreciativos, e é muito prazeroso imaginar que não devo ser o único.

A responsabilidade do anestesista é a de promover a analgesia, manter os parâmetros fisiológicos do paciente estáveis, funções cardíaca e respiratória, infundir drogas e fluidos etc. etc. Em resumo, manter o paciente bem quietinho. É o que fazem, os anestesistas, além de ajustar o foco de luz, contar boas piadas e ganhar muito dinheiro. E o velhote aqui até que está ajudando, quer dizer, não está fazendo nada além do que deve fazer, mas por algum motivo, sinto que está ajudando. E essas piadas, tolas e absurdas, dissimulam sempre uma opinião radical. Devo estar precisando de opiniões radicais, por mais inconsistentes que sejam, devo estar precisando delas, aliás, sempre precisei. Nesta minha profissão, não é bom pensar muito, me compadecer, me entregar a dúvidas. Não é nada bom me transformar num sujeito sensível e ético. Uma boa dose de embrutecimento não só salva a vida dos meus pacientes, como a minha própria. Pensar que, na prática, qualquer convicção, científica, política, ideológica, é muito mais frágil do que parece, não ajuda nada. O que importa é agir, e é preciso que eu acredite com força

no que estou fazendo para não sucumbir ao medo do erro, ao medo do encontro com o inesperado. Preciso acreditar que não há nada que não possa controlar, que tudo vai acontecer como quero que aconteça. Preciso do consolo das minhas convicções, afinal, não posso errar. Preciso ter certeza do que estou fazendo, não há espaço para falhas, meu trabalho depende das minhas certezas.

E, no entanto, tenho medo dessa palavra: certeza. Repito mentalmente, certeza, certeza. E assim vou fazendo, enquanto opero, porque, depois que a cirurgia começa, é como se nada mais ao meu redor importasse, o resto do mundo deixa de existir, e eu vou simplesmente agindo, concentrado e ao mesmo tempo absorto. As coisas e as pessoas ficam diferentes, e se transformam noutras, assim como a palavra certeza que, de tanto repetir, vai perdendo o sentido. Aí invento o que quiser e, assim como certeza pode querer dizer azul ou branco, morte iminente pode se transformar em qualquer coisa no transoperatório. Experimento uma calma exasperante nesta hora. Na hora exata em que tudo começa, quando sou somente eu e os planos anatômicos, no meio da cirurgia, é como se tudo fizesse parte de um outro espaço e de um outro tempo, nos quais sou inatingível, nos quais não há nada nem ninguém que possam me conter. Os movimentos se sucedem numa cadência que, sem receio, chamo de natural. A necessidade imperiosa da cirurgia, sua força, a urgência da realização que ela impõe, me libertam de meus próprios pensamentos. Neste momento, não há nada que possa fazer a não ser operar. Enquanto transcorre a cirurgia paro de tremer, e sou feliz. A liberdade da inconsciência. Como se fosse ainda a criança, deitada no gramado, brincando com as nuvens e com o tempo, que não me oprimiam. Peço ao velhote que ajuste o foco de luz, olho ainda mais uma vez para as pessoas ao meu redor e já sinto, tranquilamente, o frio metálico do cabo do bisturi em minha mão direita.

CAPÍTULO 18

Após a cirurgia, imediatamente após a cirurgia, como agora, por exemplo, não gosto muito de ficar longe do paciente. Supervisiono sua remoção e vou com ele até a sala de observação. O velhote dá um tapinha em minhas costas e diz qualquer coisa que não ouço. É possível que não tenha me saído assim tão mal. Ou ele só quis consolar, depois de ter percebido que não vai dar. Depois de ter percebido que mais um, mais um desses desgraçados, vai morrer em minhas mãos. A maca vai sendo empurrada e eu vou atrás dela. Tenho agora que descrever o que foi feito na cirurgia. Penso nisso enquanto o paciente vai sendo conduzido e, de súbito, sinto muito sono. Não só o sono do cansaço da cirurgia, das horas todas trabalhando sem parar durante a semana, durante o mês, não só o cansaço do desgaste que vai se acumulando nos meus joelhos, nos meus ombros, nos meus dentes, que rangem sem parar, mas um outro cansaço. Este sim, verdadeiramente difícil de suportar, o cansaço de não poder esquecer, de ter que lembrar, de ter que reavaliar, de ter que me confrontar com minhas próprias ações durante a cirurgia. O que foi que eu fiz? Nem lembro direito. E, do que lembro, já não tenho mais tanta convicção assim. Não depende de mim, e antes, já não dependia. Talvez não tenha feito nada errado, talvez não tenha cometido nenhum equívoco grosseiro ou, pelo menos, não devo ter feito nada que possa

prejudicar o paciente. É possível até mesmo que tenha ajudado. Mas, ainda assim, não depende de mim. Não depende mais de mim, e antes, já não dependia. Não sei o que é mais perigoso, acreditar ou duvidar disso. As próximas horas vão ser as mais difíceis, não vou conseguir pensar noutra coisa. Não há como saber se ele vai se recuperar ou se não vai se recuperar. Existe aí um insondável conjunto de fatores que alguns médicos gostam de chamar de acaso, outros de ciência, outros de providência. Eu não chamo de nada. Quer dizer, chamo de sorte, ou de azar. E, se sobreviver à cirurgia, tomara que não detonem meu trabalho no pós-operatório. Será que os curativos vão ser trocados do jeito certo, na hora certa, será que os antibióticos vão funcionar adequadamente, será que os rins vão aguentar o tranco, será que vai haver vaga na hemodiálise, se precisar? Não sei nem se vai haver um leito para ele, e também não vou estar aqui para ver. O fato é que o paciente vai evoluir, bem ou mal, o paciente vai evoluir e, sobrevivendo ou não, não conseguirei pensar noutra coisa. Digamos que sobreviva, e depois? Na melhor das hipóteses (e alguns até acreditam que esta é a melhor das hipóteses), imaginemos que ele não morra. O que vai ser? Que futuro tem esse infeliz? Que futuro têm essas pessoas todas iguais a ele? Carne para bater. Igual a mim. E eu? Que futuro tenho eu? O que estou fazendo aqui, tentando evitar que essa gente morra? Esses pensamentos todos dão um cansaço muito grande.

Você pode convencer a si mesmo de sua própria mentira. Acreditar na sua mentira. Torná-la verdade. Para isso basta que haja uma boa justificativa. Uma justificativa que torne qualquer ato possível. Costumava encontrar boas razões para continuar fazendo o que faço. Boas razões, irrefutáveis, que me inocentavam de tudo. E se houvesse algum culpado, nunca era eu. A culpa era sempre imputada a alguma outra pessoa, ou a alguma causa externa que eu não poderia ter evitado, ninguém poderia. E assim, ficava mais tranquilo, conseguia ainda dormir, e continuava acreditando, porque precisava acreditar. O problema, agora, é que minhas justificativas

já não convencem mais. Com a Loira essas coisas nunca aconteceram. Ela nunca se incomodou. Cheia de certezas. Ela sempre se permitiu essas tolices, quero dizer, as tais certezas, desde que fossem convenientes. Ela nunca acreditou que dúvidas como as minhas pudessem mesmo ser fonte de problemas. Nunca acreditou nem mesmo que pudessem existir. Precisava de uma outra razão, alguma coisa que pudesse fazer sentido para ela. Então passou a desconfiar que eu a estivesse traindo. Minha frieza e meu desinteresse só poderiam ser explicados por uma traição. E não é que desconfiasse que eu a estivesse traindo (e disso só não desconfiava, como tinha certeza), é que ela queria, precisava, que eu a estivesse traindo. Mas não porque nosso suposto amor fosse importante para ela, não. Quer dizer, não que não fosse importante, mas era por outros motivos. Para ela se tratava de um utensílio valioso, um objeto, do qual ela poderia dispor, destinado ao seu usufruto, destinado a *agregar valor* a sua vida de pequenos sucessos e grandes aparências. Acontece que, de uns tempos para cá, virei um imbecil, um tremendo imbecil, enquanto ela continua exatamente a mesma. Ela precisava de um bom motivo para me abandonar e, se não fosse a traição, que eu então ficasse louco. Aí, rapidinho, os médicos, esses sujeitos tão interessados no bem da humanidade, descobririam, num acesso evidentemente irrepreensível de apuro diagnóstico, que eu estava deprimido, visivelmente deprimido, muito doente. Terrível esta doença, a depressão, o transtorno depressivo, e seria preciso então que eu fizesse tratamento especializado, com um bom e caro psiquiatra, e seria preciso também que eu admitisse estar doente, que aceitasse ajuda, pois o tratamento depende também de mim e, sem minha ajuda, não haveria melhora. Que fosse escrupulosamente às consultas, que tomasse os medicamentos corretamente, desses de última geração, capazes de ajustar o desequilíbrio dos neurotransmissores, os verdadeiros causadores dessa e de outras doenças cientificamente comprovadas, e Deus ajude para que nunca falte saúde,

porque com saúde para tudo se dá um jeito, vão-se os anéis mas ficam os dedos, agora, sem saúde... E que eu voltasse a trabalhar, feliz, feliz da vida, afinal, era um médico, ou melhor, sou um médico. O que ninguém entende é que todos esses cretinos são divertidos, irritantes e divertidos, todos eles, especialmente ela, a tesudinha, a Loirinha. E eu precisava saber até onde ela iria.

A festa ia ser mesmo muito divertida. O canalha se aproximou com acinte, atrevido, vulgar, não sabia que a Loira gostava disso. Conhecia o sujeito de algum lugar, não lembro bem de onde, mas não sabia que os dois já se conheciam, ou pareciam se conhecer. E parecia até que havia entre eles algum pacto tácito, alguma coisa que visava a mim, e parte do pacto consistia naquela encenação idiota. Estavam me testando, queriam me provocar, na frente de todos, queriam instigar meu ciúme, inexistente, diga-se de passagem, para que pudessem provar a eles mesmos o que já sabiam, o que de alguma forma, todos já deviam saber. Minha indiferença os deixava perturbados. Fingi que não os notei, muito embora estivessem quase ao meu lado, enquanto bebia champanhe misturado a um círculo de comensais e suas ideias e trejeitos pretensiosos. As mesmas idiotices de sempre, o que não tem importância alguma, mas enquanto fingia dar ouvidos aos outros convidados, fingi também um esbarrão nela, na Loirinha, no meu amorzinho. Pedi desculpas, como se não a tivesse reconhecido, como se não tivesse percebido que era ela quem estava ali, fazendo todos os esforços para chamar minha atenção, procurando me intimidar com a ameaça velada de uma traição. Eu não me importava, eu não dava a mínima, a mínima. Não só não me importava, como fazia questão de encorajá-la. Vai, vai logo, diria, vai logo, meu amor, chupa o pau desse boçal, dá a bunda logo para ele, ele vai gostar, é o que diria, e não só vai gostar como vai também se sentir poderoso, vai espalhar nosso segredinho a todos, vai contar as peripécias sexuais de vocês em detalhes, que chupadeira, que boqueteira, vai dizer, gozei na boca dela, vai dizer, e o idiota estava lá, e não fez nada, e não viu nada.

Ah, se ela soubesse, se a Loira soubesse o quanto isso é excitante. Fico com vontade de bater nela, de humilhá-la, de transformá-la, a Loirinha, a princesinha, na mais ilustre das vadias. Tenho nojo dela, nojo deles todos, um bando de gabolas. Quero emporcalhar tudo, tudo. Vai, vai logo, sua piranha. Aquela festa estava mesmo ótima. Só não sabia que podia ficar ainda melhor.

A vida é cheia de surpresas agradáveis. E não é que nessa hora, nessa mesma hora, em que eu fingia indiferença, entra o papai, o papai querido. Nem a Loira o viu. Fui correndo abraçá-lo. Estava mesmo esfuziante naquela festa. *Papai, que saudades suas*. Abracei-o num abraço apertado e ele continuava com as mãos ao lado das pernas, meio surpreso, meio afogueado. Beijei-o na bochecha e resolvi que ele devia vê-la. Ele devia estar com muitas saudades da filhota querida. E também não havia mais motivos para eu fingir indiferença. Então resolvi mostrar ao papai onde ela estava. E, nessa mesma hora, o sujeitinho, o Casanova de plantão, estava lhe soprando qualquer coisa no ouvido e ela ria, ria muito, corada, dos gracejos que ele dizia. O que será que dizia? Tive que reprimir alguma curiosidade. O interessante é que o papaizinho ficou, ele também, todo vermelho. Se livrou do meu abraço afetuoso e, num gesto incompreensível para mim, eu tão ligado a ele, tão comovido por revê-lo, bem, ele, num gesto hediondo, inesperado, me dá um murro, um soco no nariz. Senti um baque surdo, instantâneo, e não lembro exatamente o que houve. Uma barulheira ao meu redor e as pessoas todas se movimentando nervosamente. Pude ver papai saindo da festa, muito rápido, e nem consegui me despedir. Notei que todos me olhavam com uma cara estranha. Não vi mais a Loira. Para onde será que tinha ido? Deve ter saído com papai, para consolá-lo. E fez a coisa certa, claro, uma filha assim como ela tem mesmo é que apoiar papai em todos os momentos, um homem tão bom, honesto, íntegro, trabalhador. Eu é que não me emendo, não tem jeito.

Fui tomar um ar lá fora. Saí excitado, esbarrando em todo o mundo, afastando os idiotas do meu caminho. O corpo todo agitado, tomado de um vigor que vinha de dentro, do estômago, das vísceras, que não podia evitar, que necessitava se expressar, numa urgência irreprimível. Havia me livrado dos sentimentos contidos que a prudência aconselhava. Gritava, então, qualquer coisa sem sentido. Um urro irreconhecível, represado havia muito tempo, catártico. Pulava e corria de um lado para outro. Meu corpo subitamente ganhava vigor e espessura. O desprezo deles havia enfim se mostrado em ódio. Eu os havia atingido no ponto mais sensível. E já que eles haveriam sempre de recusar minha presença em seu mundo, e já que eu haveria de ser sempre o indesejado, o cancro, o cisto, não percebia mais motivo algum para manter as aparências. A habitual discrição dos filhos da puta, sua elegância feita de indiferença, sempre foram, para mim, suficientemente dolorosas. Era surpreendente estar livre no meio daquela gente, onde não havia inocentes, daquela gente que se vigiava o tempo inteiro, no diálogo incessante das conjeturas mais ou menos vantajosas, mais ou menos valiosas. A rapidez daquela cena e a sua simplicidade fizeram com que ficasse eufórico. Eu estava ali, mais perdido do que nunca e estranhamente leve, assustado e feliz por tê-los ofendido, e por saber que os havia ofendido. E o mais importante, não estava mais ao lado deles, não estava mais em lugar nenhum e, ao mesmo tempo, estava em todos os lugares.

Ao virar de costas, avistei alguém que me observava, sem que eu antes tivesse percebido. Em pé, com os braços cruzados, fumando tranquilo um grande charuto, me observando atentamente, como que tentando disso depreender alguma conclusão, o Casanova, justamente ele, estava ali. Fui pego em flagrante. Devia estar me vigiando já fazia algum tempo, devia estar me seguindo, o filho da puta. Entre aturdido e zombeteiro, estava já se divertindo de antemão com a tremenda notícia, mais uma, que iria irremediavelmente espalhar entre os colegas, no bloco cirúrgico, nos corredores

dos hospitais, nos simpósios, nos jantares, no meio do circo que esta gente torpe armou para ficar festejando seu moralismo chinfrim, para esbanjar suas vilezas, para ostentar seu dinheiro sujo, para depois se reunir em saunas, em prostíbulos, comendo putas baratas, blenorrágicas, emporcalhando tudo, vomitando pelos cantos do mundo sua bile azeda, a prescrição de condutas nas quais nem eles mesmos acreditam e que eles mesmos tratam de conspurcar do jeito mais nojento possível, o tempo todo. Mas não ia deixar barato, aquela noite seria minha noite. Me acerquei do sujeitinho, em silêncio, calmamente. Ele me olhava como quem olha um louco de hospício, talvez estivesse assustado, mas sua curiosidade era ainda maior. Meu casaco estava cheio de grama e úmido de orvalho. A camisa meio desabotoada, rasgada, com manchas de sangue. Sentia meu nariz latejando e já estava bastante tonto. O curioso é que só naquele instante percebi que ainda segurava o copo vazio à mão. Enfim, me aproximei do infeliz e ele permanecia imóvel, para minha surpresa. Parecia divertir-se às minhas custas. Cheguei muito perto, bem perto mesmo, tocando com as pontas dos dedos em suas roupas, em seus óculos, em seu relógio. Continuava imóvel. Comecei a cheirá-lo. Farejei-lhe o pescoço, os braços, as axilas, as mãos, as palmas das mãos. Esses canalhas, que me desprezam, não são feitos de outra coisa que não a sucessão de misérias iguaizinhas às minhas, com a diferença de que nunca terão consciência disso. Mordi seu dedo, com toda força. Tentou se desvencilhar, assustado, mas não ia deixar, não mesmo. Mordia com mais força ainda. Sentia um gosto de ferro na boca e uma sensação incrível de prazer. Foi quando ele começou a esmurrar minha cabeça. Eu não estava sentindo dor, só ouvia uns barulhos esquisitos na nuca, e ele gritando agudo e esganiçado. Tem uma hora que não lembro mais. Só sei que acordei e estava sozinho, deitado no gramado, vendo a lua encoberta por algumas poucas nuvens, e as estrelas.

CAPÍTULO 19

Voltemos aos pobres e fodidos aqui do hospital. Este, que acabei de operar, vou deixar aqui. Fiz o que fiz e agora vai ficar entregue à própria sorte. E também não tenho mais tempo para continuar me divertindo com comentários autodepreciativos. Preciso voltar à linha de frente, ao consultório. As pessoas estão ainda lá esperando, nos mesmos corredores, e são sempre os mesmos corredores, os mesmos olhos aflitos, o mesmo ar morno, carregado de um cheiro enjoado e insalubre. Não posso dar a eles a menor chance de me abordarem aqui. Vão me encher de perguntas desnecessárias, tolas, vão fazer seus pedidos impossíveis, e são sempre impossíveis, no fundo acreditam, ou querem acreditar, que tenho poderes especiais, que sou capaz, com minha palavra magnânima, de apaziguar todo temor, todo temor diante de estar vivo deste jeito, tendo que sobreviver a isto. Que espécie de satisfação é esta que as pessoas buscam aqui comigo, neste lugar? São tantos os horrores que parecem nem mais perceber o horror a que estão submetidos. Esperando uma vaga em um leito por três, quatro dias. Cancerosos, imunodebilitados, sujeitos a todo tipo de complicação hospitalar. Expostos, terrivelmente expostos, justamente no momento em que mais precisam de proteção. Humilhados, arrasados, impotentes. Impressiona a mansidão, o conformismo dessa gente. Por que não lutam, por

que não reagem? E os filhos desses que estão aqui? Por onde andam? Por que eles também não reagem? Ou será que têm esperança de que tudo um dia vai melhorar? Vai ver a humilhação é um estado com o qual já estão acostumados. Foram ensinados a serem tratados como gado, é assim que as coisas são, é assim que os pobres são tratados. Inebriados por esta atmosfera rançosa, de corpos extenuados, mal dormidos, sonâmbulos, aceitando as coisas sem lutar, ou lutando do modo errado, sem ter escapatória, num esforço tenaz de se manterem vivos. Abrindo mão, forçosamente, de qualquer coisa que não seja sobreviver, sobreviver, sobreviver (é o quanto vale ser honesto), na contramão do sonho, no balanço monótono e vacilante da falta de esperança. Ah, os pobres, não têm tempo hábil para o desespero. Na tentativa de sobreviver, morrem antes. E tenho raiva deles. Ou talvez não, talvez não seja deles que tenho raiva. Mas, de qualquer modo, tenho raiva. A vida fica muito feia sem dinheiro. E aí só o que resta é trabalhar. Trabalhar a vida inteira, sem parar, e não conseguir nada com isso. E só trabalha mesmo quem precisa, quem não tem escolha. Porque quem pode explora os outros. E o explorado faz piada da sua própria condição. Imprime uma leitura inverossímil da porcaria do mundo que habita para fingir que não dói, para parecer que gosta, ou que não se importa. Tenho raiva de quem se conforma. Pobre tem é que ter raiva, muita raiva. Tem que sair por aí cometendo crimes, matando e roubando gente como eu, como a Loira, como o pai da Loira. Afinal, somos uns parasitas, não hesito em dizer, somos mesmo uns parasitas.

Acelero o passo rumo ao consultório. Dentro daquela sala fico protegido. Não sei o que fazer com essas pessoas todas. Lá dentro posso, pelo menos, prescrever algum remédio, alguma orientação. E assim fazemos de conta, eu e os pacientes, que o problema se resume àquele trazido para a consulta. O diagnóstico e os medicamentos têm um efeito poderoso, tranquilizador. A pessoa sai do médico sabendo que existe alguma coisa para ser resolvida e que essa coisa

pode sim ser resolvida, com a graça da ciência. E, por alguns dias, dá até para acreditar que a vida vai ficar melhor. Depois volta tudo como era antes e..., não sei. Sei que, por incrível que pareça, aqui dentro, as pessoas se sentem amparadas, por pior que seja isto aqui, elas se sentem amparadas. O que significa que, lá fora, a coisa é ainda pior. Em meio à ladainha de rezas e choramingos, no hospital, elas podem ao menos se agarrar umas às outras, ou a alguma esperança, por mais abstrata que seja.

Dos pacientes que estão na fila por um leito, um deles está deitado numa maca, espremido num dos cantos do corredor. Ele se distingue no meio dos outros por sua aparência caquética. A doença, ou a vida que teve, devem ter feito isso com ele. Observo-o, com os maxilares proeminentes, com as bochechas sulcadas, os cabelos ralos, a barba por fazer, a pele enrugada, extremamente magro, consumido. Vendo-o de perfil, por um instante, fico com a sensação de que já está morto. Se morreu aqui é bem possível que ninguém tenha percebido. Pode ser que tenha morrido há algumas horas. As enfermeiras, sempre atarefadas, apressadas, talvez não tenham tido tempo ainda de dar alguma atenção a ele. E, de mais a mais, para elas, este moribundo significa trabalho extra, simplesmente, trabalho extra. Elas não têm obrigação nenhuma de cuidá-lo. Os que já estão internados lhes dão trabalho mais do que suficiente. Me aproximo, tento tomar o pulso. Move o rosto, devagar, e me olha. No seu olhar não percebo a súplica habitual. Só o que vejo são olhos muito grandes, estáticos e perturbadores. E o que noto, naquele corpo que se move muito pouco, é outra coisa, outra coisa. Ele está calmo e ao mesmo tempo atento. E esta calma, agora, tem só um significado. Ele sabe que eu sei. Ele sabe que eu percebi. E os malditos olhos, estalados, perscrutando tudo, ávidos como um bebê, devorando os últimos vestígios, demorando ainda um instante mais. Queria beijá-lo, tomá-lo em meus braços, embalá-lo carinhosamente. Apesar de tudo, ainda penso na vida, diante do simples mistério

da morte, que se cumpre sem cessar, debaixo do meu nariz, ainda penso na porcaria da vida. Deve durar alguns dias ou, pelo menos, algumas horas. Tenho vontade de permanecer ao seu lado, queria consolá-lo, silenciosamente. Ele saberia. Mas me sinto culpado, ou envergonhado. E, como faço todos os dias, finjo ignorar. Minha repugnância é maior do que minha compaixão. E depois, não vai pegar bem para um médico ser visto por aí se compadecendo de seus pacientes. Não faço nada. Sigo mais rápido apenas, em passos retos e apressados, na direção do consultório.

CAPÍTULO 20

Pouco mais de duas horas para o fim do plantão. De agora em diante, atendo ainda alguns pacientes, não devem ser muitos. Pouco mais de duas horas para o fim e tudo igual ao começo. Nada muda por aqui. Tudo acontece e nada muda. Pelo menos tenho um objetivo, por mais estranho que pareça, sei quais são minhas tarefas de um modo claro e preciso. O nível de enfrentamento do mundo e da realidade lá fora vai atingindo certos níveis que estou a ponto de não conseguir mais suportar. E, por pior que seja, aqui dentro, consigo cair na real, consigo cair em mim. Aprendendo a lidar com as situações da Emergência, aprendo a lidar comigo mesmo. Os doentes, com seus problemas reais, me preservam da loucura. Aqui estou enfiado na realidade até o nariz. Aliás, aqui, a realidade mostra a sujeira debaixo das unhas. Preciso desse confronto com a realidade mais medonha, mais absurda. As pessoas chegam quase morrendo e eu as salvo. Isso é real, concreto, palpável, não há nenhuma dúvida. Agora, lá fora, as coisas devem ficar um pouco incertas. E não sei muito bem o que vou fazer nem o que vai acontecer. E não sei mais se me importo. Será que a Loira sabe o que vai acontecer? Eles todos devem se perguntar, estarrecidos, por que fiz o que fiz, afinal? Que motivos eu teria? Não há motivos, as coisas são como são. E se houvesse motivos, não saberia explicar. Ou melhor, haveria muitas explicações, poderiam haver muitas explicações. Se eu tivesse disposição, ou se meus interesses ainda fossem os mesmos

que os deles, então eu teria que me justificar, que me explicar. Mas não há razão alguma e, além disso, nenhuma explicação poderia ser perfeitamente franca. Depois de tudo, não tenho ideia de como as coisas vão ficar. É possível que a Loira já saiba, e não me surpreenderia nem um pouco se ela já tivesse planejado alguma vingança. Será que perco meu CRM? Será que vou preso? Não tenho mais forças para reagir. Agora, a Loira, a Loira e o papaizinho, não vão descansar enquanto não tiverem fuzilado comigo. Para mim tanto faz. Vai ser até um alívio.

Quanto àquela outra noite, não sei, não sei explicar, não tinha planejado aquilo. Mas uma palavra leva à outra. Uma ofensa puxa outra ofensa. Aconteceu porque tinha que acontecer. E essas coisas acontecem. Simplesmente acontecem. Qualquer banalidade serviria de pretexto para lhe jogar na cara todas as verdades que tinha inventado para ela. De um jeito ou de outro, iria até as últimas consequências. Ela não me deixava escolha. Imaginava que já a tivesse esquecido, mas reconheci imediatamente seu perfume. Era a conversa derradeira que eu queria, já que ela, a princesinha, havia me abandonado. Mas não deu oportunidade. Intrometida, antecipou-se, como sempre. *O que você quer de mim?*, perguntou, com raiva. Ah, como nos odiávamos! E como éramos sinceros nessas horas. Minha linha foi: *você é uma farsa*. E a dela: *você é um doente*. Nos conhecíamos demais! Foi o que deu. Gritei, com os olhos injetados, com as veias do pescoço ingurgitadas, com toda minha força. Gritei. Gritei os mais chulos e saborosos palavrões. E ela cedeu, a Loira. Desabou, de joelhos, aos meus pés. Estava trêmula. Desesperada, apressada, afrouxou a fivela do meu cinto, desabotoou minha calça. E parecia querer me devorar, louca, deliciosa. Já sabia o que viria a seguir e, com seu ardoroso consentimento, violentei-a. Esbofeteei-a, duas ou três vezes. Contido, no início, depois fui ficando cada vez mais à vontade. A língua insaciável, a ira insaciável, o jorro catártico, impossível de conter. Eu adorava desprezá-la e ela adorava que eu a desprezasse. Nosso clímax foi quando eu a empurrei para longe de mim, com violência, como se

me livrasse de um cachorrinho agarrado em minha perna. O importante era que ela percebesse que eu estava com nojo, era disso que ela gostava. Até aí tudo bem. O problema é que, no auge da excitação, não soube medir muito bem minha força física. Exagerei um pouquinho e ela acabou batendo com a cabeça na parede. Por um instante achei até que pudesse ter desmaiado, mas para meu alívio logo vi que não. Passou a mão na nuca, no local onde tinha sido atingida, e em seus dedos havia um pouco de sangue. As mulheres são muito exageradas nessas horas e o sangue sempre impressiona. No caso da Loirinha, sabia muito bem que o sangue não podia impressionar. Por conta disso, logo percebi que a situação toda se desenrolaria de um modo, digamos, teatral. Já faz tempo sabia que ela daria uma ótima atriz. De joelhos, olhava ora para a mão ensanguentada, ora para mim, de olhos arregalados, com uma expressão bastante evidente de surpresa e perplexidade. Quase aplaudi. Com aquela demonstração queria o quê?, que me sentisse arrependido, que pusesse a mão na consciência? De qualquer modo, nessa hora, ela ficou linda, linda de verdade. No ápice da representação, chorava, convulsiva, aos gritos, dolorosa. Cheguei a achar que estava sendo sincera. As lágrimas desciam das maçãs do rosto, em grossos laivos, e ela finalmente se limpava daquela maquiagem pesada e cafona. A dor eviscerada agora transparecia, resplandecente, sublinhada pela atuação bastante convincente. Aquela beleza toda surpreendeu e fiquei até pensando que pudesse amá-la de novo. Estive até disposto a perdoá-la. Mas foi só uma fissura, um átimo, um instante que desapareceu numa fração de segundo. Com as calças arregaçadas pela altura do tornozelo, sentei no sofá bem à sua frente, acendi um cigarro, e fiquei observando sua performance, aguardando com paciência o desfecho. Assim que percebeu que sua cena não provocava o efeito esperado, mudou imediatamente de atitude, confirmando que estava bastante consciente da suprema teatralidade do gesto e, rapidamente, se recompôs. Colocou seus pertences na bolsa e saiu sem dizer palavra.

CAPÍTULO 21

Entro no consultório e vejo um velho apoiado em uma bengala, sentado numa cadeira de rodas, aguardando para ser atendido. Será que é o mesmo que vi agora há pouco? Abro a porta e peço para a criatura entrar. Gosto de me livrar logo dos pacientes. Quanto antes começo, tanto antes termino. O velhote vem trazido pela enfermeira e é colocado bem em frente à mesa, onde sento, entre papéis que sei que nunca vou usar. Exceto pelos receituários, guardados na gaveta, sei que o restante nunca vou usar. O velhote exibe uma expressão difícil de discernir. Deve haver um resto de esperança, mas o que predomina é a desconfiança. Como se duvidasse que eu seja capaz de ajudá-lo. Como se acreditasse que eu não tenha vontade de ajudá-lo. Se for assim, talvez ele esteja coberto de razão. Parece haver uma estranha inversão. Parece que ele não veio pedir minha ajuda, muito embora ele esteja aqui justamente para isso. Há uma grande dignidade, inquebrantável, neste homem. E é como se eu tivesse que pedir a ele que conceda a oportunidade de tentar auxiliá-lo. Ah, seu velhote orgulhoso, eu o entendo perfeitamente bem! Mas você não vai me quebrar. Não me compadeço gratuitamente. Aliás, seria melhor se eu tivesse a força de não me compadecer. Numa situação dessas, num lugar como esse, em que todos fingem querer ajudar, é humilhante estar na sua situação, e talvez

seja disso que me compadeça, e não da sua doença, da qual nada sei, mas finjo que sei. Sua doença, vovô, é só sua. E não vou fazer de conta que entendo o que está se passando.

Não pergunto nada, fico olhando para ele em silêncio. Não posso amolecer. O velhote é duro, não fala nada e quem passa a informação é a enfermeira, a Dislaine, eu acho. Dor na perna, doutor, na panturrilha, tabagista pesado, fuma dois maços por dia, alcoolista também. A estúpida diz essas coisas de boca cheia, se sentindo lisonjeada por poder enunciar duas ou três palavras a respeito do estado clínico do paciente. Ela deve se sentir investida de uma espécie de poder, especialmente se tiver a oportunidade de utilizar alguma das inúmeras expressões técnicas empregadas a torto e a direito por nós médicos. É comovente até, e meio patético, esse esforço em falar desse jeito. E as enfermeiras, pobrezinhas, mimetizam isso de um modo tosco, mais tosco ainda do que os próprios médicos. Mas o velhote não se deixa convencer assim tão facilmente. Pergunto a ele se consegue se levantar da cadeira até a maca. Me olha por alguns instantes, e nele vejo uma cara dura e vazia, dessas que aguentam muita porrada. Tenta se erguer então, com muita dificuldade, Dislaine quer segurá-lo mas ele a repele, meio débil, meio irritado. Posiciono a escadinha em frente a maca. Reparo em sua perna, a esquerda, três, quatro cruzes de edema, repleta de varizes, dermatite ocre perimaleolar. Não consegue caminhar mais do que alguns poucos passos. Sobe o degrau com muita dificuldade, não dobra mais o joelho da perna comprometida. Se apoia trêmulo na bengala, mal se equilibrando. Tenho a impressão de que vai cair e rapidamente me precipito em direção a ele, servindo de apoio para que consiga sentar. Se acomoda finalmente e começa a tossir a ponto de não conseguir respirar direito. Tosse produtiva, com muito escarro. Escarra num lencinho de tecido que carrega no bolso da camisa. Peço para ver a cor. Meio esverdeado, meio cor-de-tijolo, difícil dizer. De qualquer modo, não está nada bem nosso amigo. Peço para que tire a camisa. O que faz

imediatamente, com alguma dificuldade, mas daí deduzo que vai aceitar ser examinado sem grandes problemas. Roncos e estertores difusos em ambos os pulmões, um pouco de sibilância também. DPOC na certa. Talvez uma broncopneumonia. Talvez tuberculose. O coração, por incrível que pareça, está bem, pela ausculta, mas é preciso solicitar exames complementares. Meio desnutrido, meio desidratado, meio anêmico, talvez. Peço para que deite. Abdômen flácido, sem visceromegalias. Na perna mais comprometida vejo uma úlcera na região do tornozelo, consequência da insuficiência venosa crônica, diagnóstico fácil, tratamento difícil, prognóstico péssimo. O velho já tem mais de oitenta anos e seria até uma injustiça querer curá-lo. Vai ficar melhor doente. Vou pedir o que a ele, pobre do jeito que é? Se tiver água potável em casa já é uma grande coisa. Vou pedir o que a ele? Que pare de fumar? Que pare de beber? Vai ver nem tem direito o que comer em casa. Vou pedir a ele que se inscreva em uma academia de ginástica e comece a fazer exercícios aeróbicos regularmente? A medicina para gente pobre não dispõe de tantos recursos assim. Vai ver os filhos o abandonaram, se é que tem algum. E ainda digno, altivo, feroz na vontade persistente de se manter vivo. Solicito uma radiografia de tórax, um hemograma, um eletrocardiograma. Prescrevo um remédio para o alívio da dor e uma bota de Unna para o tratamento da úlcera, que vai melhorar, mas que depois vai voltar, porque as causas do problema não vão ser resolvidas. Isto é tudo que posso fazer por essa criatura. Por mim que continue bebendo e fumando, vai ser melhor assim. Poderia até tentar dizer algumas palavras de consolo, me esforçando para que não parecessem mecânicas. Mas é inútil. Daqui a pouco vai embora de qualquer jeito e só volta se estiver sentindo muita dor. A generosidade nunca foi meu ponto forte. E já que ninguém aqui se importa com isso, por que eu haveria de me importar?

Nem lembro mais dos pacientes que atendi antes, no início do plantão, ou ontem, ou anteontem. Talvez amanhã lembre. Talvez

volte a lembrar de algum deles um outro dia qualquer, o que até acontece de vez em quando, mas de uma forma muito vaga, esfumaçada. Essas lembranças, dos pacientes, se dissipam com muita facilidade. De uns poucos casos marcantes eu acabo lembrando, mas não é da pessoa que lembro, não sei ser empático, como dizem. Preciso resolver um determinado problema e tento resolvê-lo de um jeito rápido, limpo e seguro. E o que fica na memória é uma impressão qualquer, que se liga a essas pessoas, de um jeito muito frouxo e inconsistente. O que importa de verdade, o que me marca mais profundamente nessas pessoas sou eu mesmo. O que me marca é uma vontade transbordante de me machucar, de me ferir, com intensidade proporcional ao ferimento que tento estancar nos pacientes, que não têm e não podem ter nome. Quanto maior o ferimento, maior a satisfação e é justamente por conta disso que, apesar do desprezo que sinto por algumas dessas pessoas, quase todas, é justamente por conta delas, delas e de seus ferimentos, que são os meus, que me empenho com tanta força. Não é por eles, é por mim. Se morrem ou se não morrem, muitas vezes, nem fico sabendo. Não sei quais são os caprichos que me fizeram escolher essa profissão. E com o tempo, quanto mais a necessidade aperta, menos liberdade de escolha eu tenho. Vou fazendo, simplesmente. E é como se eu não estivesse participando diretamente de minhas próprias ações. É como estar sendo arrastado, ou dragado, por uma força maior do que eu e contra a qual, por mais que tente, não há nada que possa fazer. Talvez seja isso que se chama destino, ou talvez eu tenha simplesmente desistido. E, apesar disso, é incrível imaginar até onde cheguei, é incrível pensar que ainda estou por aqui, até hoje.

CAPÍTULO 22

Peço a Dislaine que leve o velho até a sala de procedimentos enquanto chamo o próximo. Ninguém. Não há mais ninguém esperando atendimento. Foram todos embora. Já é tarde, as pessoas ficaram com sono e deixaram para adoecer amanhã. Podia descansar agora. Se chegar algum paciente grave, avisam. Mas não consigo, preciso me ocupar. A gente acaba se acostumando com quase tudo e, com o cansaço, já estou bastante acostumado. O melhor é continuar trabalhando. Decido acompanhar a aplicação da bota de Unna para depois rever os pacientes na observação. É importante inspecionar o que as enfermeiras fazem porque são todas umas preguiçosas, preguiçosas e incompetentes. Observo o trabalho de Gislaine enquanto prepara o material. A bota é feita de uma atadura especial embebida em óxido de zinco e calamina. Auxilia o retorno venoso do membro enfaixado e devolve à circulação o excedente de líquidos, diminuindo o terceiro espaço que é, justamente, onde se acumulam os fluidos que não estão conseguindo voltar por causa das veias incompetentes. Dislaine já começa tudo errado. O membro não está elevado e ela quer enfaixar o coitado com a perna pendente, sem nem antes lavar. Calço um par de luvas e a empurro com o corpo, com certa delicadeza, simplesmente para afastá-la, e tomo da mão dela as ataduras. Peço para que lave e seque bem direitinho,

o que ela faz, com alguma dificuldade. É preciso ter muita paciência. Na posição correta, com o calcanhar firmemente apoiado e com o pé em ângulo de noventa graus, começo a enfaixar e vou explicando a ela, passo a passo, como deve ser feito. Começo a passar a ligadura de logo acima dos dedos até logo abaixo do joelho, na altura da tuberosidade da tíbia. As voltas devem ser com cinquenta por cento, no mínimo, de sobreposição, em largura, para cada círculo efetuado. É preciso deixar bem firme, mas não se deve apertar demais porque, depois de secar, ela encolhe um pouco e pode constringir a circulação de retorno. Aplico uma ligadura elástica sobre a bota e oriento o velhote a trocá-la toda semana, até desaparecer a ferida.

Tenho a impressão de que Gislaine me observa meio constrangida, como que pega em flagrante, desmascarada em sua incompetência. Mas talvez essa seja uma preocupação somente minha, não dela. Talvez ela não se importe. Ou, se se importa, é somente na medida em que isso pode representar uma ameaça ao seu emprego. Faz o que faz para poder continuar ganhando a miséria que ganha. De resto, não se importa com coisa alguma. É preciso vigiá-la constantemente, do contrário, mais cedo ou mais tarde, acaba fazendo tudo errado, e que se lixem os pacientes, e que se lixem os médicos, desde que se livre de suas tarefas o mais rapidamente possível. E também não é bom dar broncas muito enfáticas porque então vai se sentir agredida e, invariavelmente, vai começar a chorar. É previsível e melindrosa, a desgraçada. E, no final, com ou sem choro, a responsabilidade é sempre dos médicos. Às vezes tenho a sensação de que não tem jeito, de que vai ser sempre assim. Existem algumas que trabalham bem, só que essas querem ganhar mais e, evidentemente, já foram embora há algum tempo. E as outras, como a Dislaine, incompetentes, sensuais e alienadas, vão continuar por aqui. E com o tempo, de tanto insistirem na preguiça, no desleixo, mais cedo ou mais tarde, vão acabar me ganhando pelo cansaço. Uma hora canso, estou no limite. E quando Dislaine

estiver, enfim, começando a fazer as coisas direito, aí então, sem demora, ou vai receber uma proposta melhor em algum hospital privado, ou vai ser demitida. E eu, que não tenho opção, vou continuar chafurdando por aqui mesmo. E como aqui tudo é sempre igual, com o tempo, acabo me acostumando. A gente se acostuma a tudo, até à injustiça, especialmente quando ela é subreptícia e insiste em nos acariciar, insinuante, até se transformar em rotina. Aí então dizemos que as coisas são assim mesmo, que não há o que possa ser feito. A não ser, é claro, inventar boas piadas. Somos todos muito bem humorados, não somos? Damos nosso jeitinho. Dizemos sempre a mesma coisa, a mesma coisa cem mil vezes dita. Ou melhor, não dizemos nada, achamos graça sempre dos mesmos eufemismos, repetidos à exaustão, e assim ninguém se compromete, ninguém assume responsabilidade alguma. Somos coniventes com qualquer coisa, desde que possamos rir dela. Somos uns precavidos, o tempo todo, pensando somente no próprio rabo, com nossos fundos e planos privados, nos ingurgitando de seguranças ilusórias, de pequenos confortos, tentando nos convencer de que tudo vai bem. Há crescimento econômico, há emprego, muitos carros, tudo está muito bem assim como está e para tudo se dá um jeito, o que não tem remédio, remediado está. Sempre se consegue uma vantagem, um pequeno benefício, às custas de um conhecido, um amigo, estamos sempre dispostos a nos favorecer mutuamente, desde que esse nosso pequeno segredo se mantenha entre nós, que fique bem entendido. E eu, que não tenho amigos, fico por aqui tentando pôr minha raiva em algum lugar, qualquer que seja. E o que resta é prosseguir. Esta é a minha situação, por isso estou aqui, e por isso preciso dessas pessoas, já que é por intermédio delas que continuo trabalhando. Deveria agradecer, mas não posso. Resisto ainda.

CAPÍTULO 23

Volto à sala de observação tentando lembrar dos pacientes que deixei por lá. O torrado, que vai ficar para o próximo turno, para o próximo colega (certamente alguém mais desinteressado e inexperiente do que eu). E a outra, a louquinha, que já deve estar bem, espero, assim já a mando embora de uma vez. O torrado vai para a UTI, quando vagar um leito. Já a louquinha, não sei para onde vai, para casa, talvez, para a mesma vida de merda da qual tentou escapar. Devia ter uma conversa demorada com ela, dizer que existem recursos, que o hospital oferece atendimento psiquiátrico para o seu caso. E isso num tom muito sério e compenetrado, para parecer que acredito nessas coisas todas. Poderia fazer isso, poderia falar com ela, ajeitando os óculos, caprichando na aparência de cansaço e vasta experiência que meu olhar procuraria exprimir, com muita autenticidade. Enfim, mostraria a ela uma confortável cara de sábio cansado, de bom burguês, preocupado com as causas sociais e com o bem da nação. E lhe daria um pouco de esperança. Mas não consigo mais. O tal atendimento psiquiátrico não passa de uma consulta por mês. A tal consulta mensal não passa de um encontro que não pode durar mais do que cinco minutos, no qual o médico psiquiatra não faz mais do que prescrever um ou dois medicamentos e mandar voltar em trinta dias, mal olhando para a criatura que está

sendo atendida. E os caras continuam fazendo isso. Fazem qualquer coisa por dinheiro, por pouco dinheiro, aliás. E não importa quem está sendo atendido ou quem deixa de ser atendido. As pessoas, aqui, não passam de carregadores ambulantes de anormalidades. E o que os médicos devem fazer é removê-las, as anormalidades, de um modo rápido e barato. Conversar com os pacientes, ouvi-los, blá-blá-blá, restringe-se ao mínimo necessário, a um mero procedimento burocrático, a uma formalidade. Só o que posso fazer por ela, é encaminhá-la a alguém que vai lhe prescrever alguns medicamentos, provavelmente inúteis. E, se se comportar bem, vai continuar recebendo o tratamento mensalmente. Quer dizer, nem sempre, porque existe o risco de faltar remédio.

Entro na sala e a vejo deitada em seu leito, na mesma posição em que eu a havia deixado. O que muda agora é que está de olhos abertos e com as mãos atrás da nuca. Me apresento, digo que fui o médico que a atendeu na Emergência. Estendo a mão e ela nem se move, nem mesmo com o olhar. Pergunto como está e vejo, imediatamente, que é a coisa mais idiota que podia ter feito. Percebo apenas um leve suspiro, que não é de irritação, não quer dizer coisa alguma, não sei decodificar. Alguns longos segundos se passam e não tenho ideia do que fazer. Queria que ela dissesse alguma coisa, que agradecesse ao menos, não é todo dia que alguém salva sua vida. Gostaria de perceber que sou importante, inteligente, útil, ao menos. Tenho raiva dela e prontamente a tomo por uma imbecil. Além de pobre e louca, ainda por cima arrogante. Mas o que irrita não é a atitude dela, sua indiferença. O que irrita é perceber que o arrogante sou eu. Arrogante e impotente. Penso que é muito estranho oferecer ajuda a alguém que não pediu nada, que não faz sentido transformar tudo em doença, que é muita presunção achar que sou capaz de saber do que as pessoas precisam. Nas situações em que a medicina não é necessária, fazemos de conta que é. Nas situações em que não sou necessário, faço de conta que sou. Assim me sinto menos

solitário. Olho para ela ainda por alguns instantes, meio absorto, indeciso. Ela continua na mesma posição. Decido não dizer nada. Não há nada que possa ser dito. Quase nunca há. Quem sabe um dia ainda aprenda a ficar em silêncio.

Por mais que já tenha visto todo tipo de coisa, meu amigo torrado aqui ainda me impressiona. Escarotomias são sempre muito feias. Examino o antebraço, cuidadosamente e, mesmo assim, não consigo ficar tranquilo com a evolução do caso, não confio tanto assim em meus olhos. Devo prestar atenção à parte mais distal do membro, sobretudo aos dedos. Parecem bem perfundidos, pouco ou quase nada edemaciados, menos edemaciados do que estavam antes do procedimento. Talvez tenha funcionado, talvez tenha feito algo de verdadeiramente útil por alguém. Mas não estou nada tranquilo. A evolução dos casos é quase sempre imprevisível, prognósticos são invariavelmente arriscados e tudo vai muito bem, até que começa a ir mal. Esse paciente não devia estar aqui. Devia estar na UTI. Enquanto não houver vaga, o infeliz vai permanecer nesse leito improvisado. E, enquanto não for transferido, o risco é ainda maior. E pode ser que detonem meu trabalho, pode ser que não mantenham o ferimento devidamente limpo, o que é fundamental, já que a ferida operatória nesses casos não pode ser suturada, precisa cicatrizar por segunda intenção e, num paciente hospitalizado, isso é bastante complicado. Há sempre o risco de uma infecção e pode ser que esteja imunocomprometido. Ou, então, evolui mal, morre simplesmente, sem nem sabermos por quê. Pelo menos, até agora, não identifiquei o sinal da mosca. Uma mosca que sobrevoe insistentemente um mesmo paciente é sempre um mau sinal.

Da porta, observo-os, antes de me afastar. Minhas dúvidas ainda me retêm aqui, imóvel. O que mais poderia ter sido feito? O que mais poderia eu ter feito? Existe alguém, além de mim, responsável pelo que aconteceu ou pelo que deixou de acontecer com essas pessoas aqui dentro? Atrás de mim, passam apressadas

a enfermeira-chefe e Dislaine, uma dando instruções à outra. Passam me observando, alertas, como cães e seu dono. Passam o tempo inteiro me vigiando, as desgraçadas. Sempre em nome da ética e do bom exercício da profissão, é claro. Dizer que existe uma hierarquia, que eu mando e que elas obedecem, bem, seria muito simples, se fosse assim. O que acontece é que elas obedecem quando precisam e, quando podem, são as primeiras a abrir a boca com a intenção de acabar comigo. Não que eu precise da ajuda de outras pessoas para isso, mas elas são muito eficientes quando o assunto é foder com os médicos. Quando elas erram, é preciso que eu seja complacente e procure sempre remediar o estrago. Quando eu erro, fazem logo vir me acusando, prestativas, indignadas, tomando para si mesmas algum mal que eu possa ter feito aos pacientes. Não são nada confiáveis, as queridinhas.

A contragosto, me convenço, enfim, de que não há nada mais que possa ser feito. Entrego-os, os pacientes, à própria sorte, e torço para que tenham mais sucesso do que eu. O que acontece é que acabo entregando, também, meu destino nas mãos dos pacientes, das minhas coleguinhas, e nas dos outros médicos, inclusive. Que se foda, estou cansado demais para pensar nisso.

CAPÍTULO 24

Volto à sala de descanso médico e encontro a televisão ligada e sem volume, do mesmo jeito que eu a havia deixado. Acendo um cigarro, deito, e não pareço mais me importar com o que os outros vão pensar. Está passando algum noticiário e suas desgraças. E eu aqui. Do mesmo jeito. Fumando ainda, ainda com a mão trêmula, ainda com a vesícula do herpes titilando incômoda. Idêntico, exatamente idêntico ao que era antes, exatamente idêntico a todos os outros que passaram por aqui. Há um imenso cansaço que me impele a permanecer imóvel. E mesmo o mais ínfimo dos movimentos agora, levar o cigarro à boca, por exemplo, exige de mim um esforço imenso. Pareço anestesiado. Meus dedos são grandes e desajeitados, meu nariz é torto, meus dentes machucam a gengiva, meus ossos latejam sem motivo, meus passos são sempre curtos e vacilantes. Meu corpo todo é tão estranho, e tão familiar. E não consigo nem imaginar um jeito de me desfazer dele. A constatação lógica que assumo, nesse instante, é a de que talvez nele esteja preso para sempre. E o que será que existe dentro dele, desse corpo aqui, que habito? E o que será que existe dentro desses outros corpos, todos doentes, que em vão tento salvar? Será que somos feitos da mesma substância?

Na televisão, vejo uma cena qualquer, indistinta, de uma explosão, talvez. Um imenso clarão, um sem-número de pessoas atarantadas

andando de um lado para outro. Todos os dias a mesma coisa. A tela fica toda branca e a luz me deixa cego. Meus olhos desacomodados e doloridos, por causa do excesso de claridade, se ajustam aos poucos. Vejo ainda os corpos todos atabalhoados, precipitados, ridículos. Agastados pela ânsia premente do movimento. E a agitação é tanta que nenhum deles consegue dar dois ou três passos numa direção sem que tenham que voltar, instantes depois, o mesmo número de passos na direção exatamente oposta. Idiotas. Enquanto o colega não chega, para render o plantão, não posso sair daqui. Falta ainda meia hora e os minutos finais são sempre os piores. Depois, vem um certo alívio, o plantão acaba, um certo alívio que dura pouco. Depois, saindo daqui, tenho ainda que voltar, voltar a algum lugar.

Meu primeiro morto
foi composto na tipologia Garamond Premier Pro.
Miolo em papel pólen 80 gramas. Capa em cartão 250 gramas.
Impresso no parque gráfico da Imprensa Oficial do Paraná,
em Curitiba, no mês de novembro de 2013.

Prêmio Paraná de Literatura
romance . conto . poesia

Vencedor na Categoria Romance

O **Prêmio Paraná de Literatura** — criado em 2012 pela Secretaria de Estado da Cultura, por meio da Biblioteca Pública do Paraná — busca valorizar e fortalecer a produção literária brasileira contemporânea. Em sua segunda edição, o concurso selecionou obras inéditas, de autores de todo o Brasil, em três categorias que homenageiam figuras importantes da literatura paranaense: Romance (prêmio Manoel Carlos Karam), Conto (prêmio Newton Sampaio) e Poesia (prêmio Helena Kolody). Cerca de 900 trabalhos foram inscritos e analisados por uma comissão julgadora que definiu um vencedor em cada categoria. Os três livros foram editados pela Biblioteca Pública do Paraná e distribuídos para as principais bibliotecas do País.

ISBN 978-85-66382-05-1
9 788566 382051

PARANÁ
SECRETARIA DA CULTURA

Imprensa Oficial

Biblioteca Paraná

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

retina 78